

Frei João Carlos Karling, OFM, (Org.)



VARIAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO CRISTÃ

Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM

ICSFA

Frei João Carlos Karling, OFM (Organizador)

VARIAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO CRISTÃ

Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM

ICSFA

2021

PORTO ALEGRE – RS
ICSFA 2021

Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330
Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Fr. João Carlos Karling, OFM e Fr. Arno Frelich, OFM.

Revisão: Fr. Pácido Robaert, OFM

Editoração: Fr. Arno Frelich

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V299 Variações sobre a oração: Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM. [recurso eletrônico] João Carlos Karling, OFM (Organizador) – Porto Alegre: ICSFA, 2021.

Dados eletrônicos: 208,75 Kb.

Modo de acesso:

<<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-variacaoesoracao>>
ISBN 978-65-88060-08-7.

1. Igreja. 2. Liturgia. 3. Oração. 4. Adoração. 5. Ofício Divino.
II. Título.

CDU 264

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Imprima-se
Porto Alegre, 19/01/2021
Dom Fr. Jaime Spengler, OFM
Arcebispo Metropolitano de
Porto Alegre

Aprovação
Porto Alegre, 18/01/2021
Frei Marino P. Rhoden, OFM
Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. A ORAÇÃO	15
1. Dificuldades	15
2. O que é rezar?	17
3. É difícil a oração?	18
5. Mas, será necessário rezar?	19
6. E Jesus rezava? Como é que Ele rezava?	20
7. Será que a oração resolve?	22
8. Para que afinal rezar? É possível dispensar a oração? ..	25
9. Como rezar?	26
10. Onde rezar?	27
11. Quando e em que tempo rezar?	27
12. E as dificuldades?	29
2. A ORAÇÃO DE JESUS (JO 17,1-26)	31
3. A ORAÇÃO DO PADRE	39
1. O Catecismo da Igreja Católica	39
2. O que é mesmo a oração cristã?	41
3. Diversos enfoques	45
4. A vida de oração	46
4. A ORAÇÃO DOS SALMOS	51
5. ORAÇÃO LITÚRGICA	57
A liturgia, coração do mistério da fé	61
Quatro ações principais:	64
A preparação no A T	64
A manifestação do Mistério de Cristo (o memorial)	65
A liturgia é a epiclese do Espírito Santo	66

<i>A liturgia é comunhão com a Santíssima Trindade</i>	
<i>(Koinonia)</i>	67
<i>A Liturgia das Horas é</i>	70
6. ADORAR	93
GLOSSÁRIO DAS IMAGENS	97



Foto 1

APRESENTAÇÃO

Dois sentimentos perpassam meu coração ao fazer a apresentação desse precioso livro sobre a Oração Cristã, escrito pelo nosso confrade, Irmão no ministério episcopal e também xará: Dom Frei Aloísio – Cardeal Lorscheider. De um lado, é uma honra apresentar algo da vida e obra de uma personalidade tão significativa para a Família franciscana e para a Igreja; de outra parte, emerge o sentimento de pequenez diante de tarefa tão nobre. Nada melhor que a simplicidade franciscana para indicar solução para isso.

Tive a graça de conviver por mais de dois anos com Dom Aloísio Lorscheider, no seu tempo de Bispo Emérito, junto aos confrades do Provincialado franciscano de Ipanema – Porto Alegre/RS. Antes de fazermos qualquer referência sobre a riqueza do livro deste ilustre autor, deixemos falar sua vida de oração. Certamente torna-se impossível penetrar em toda profundidade na experiência do encontro pessoal e amoroso com o Deus “*vivo e verdadeiro*” que acontecia na sua vida orante. Nas celebrações que ele presidia costumava referir-se a Deus com a expressão:

“*Nosso Senhor*”, pronunciando-a com uma familiaridade cativante, fundamentada em sua profunda e firme postura de fé. Um dos testemunhos mais marcantes de sua vida, que permanece como imagem indelével, foi a perseverante posição contemplativa e orante, de manhã cedo, na capela da Casa provincial. Era o primeiro a chegar para um “*relacionamento íntimo com Deus*”. Paramentava-se e ficava sentado, de olhos fechados e levemente inclinado, numa simples cadeira, ao lado esquerdo do altar. Este momento pessoal e silencioso, certamente fazia acontecer o seu primeiro e amoroso encontro com “*Nosso Senhor*”, antes da celebração diária e comunitária da Liturgia das Horas e da Eucaristia.

Se não foi possível penetrar plenamente nos mistérios da interioridade orante deste ícone de nossa história provincial, seus escritos nos ajudarão a imaginar e identificar o que acontecia em seus sentimentos e na sua mente, na sua vida e na sua missão, ao encontrar-se e dialogar com “*Nosso Senhor*”. Também não podemos esquecer que estes escritos foram elaborados para se tornarem palestras de retiros, sobretudo para o clero. Com isso, Dom Aloísio Lorscheider deixa claro que a vida de oração dos diáconos, presbíteros e bispos é fundamental para um fecundo exercício do ministério, ou seja, “*Não há realidade mais importante para a vida do que a oração*” (p. 28).

Outro aspecto importante, que deve estar presente na leitura destas palestras para retiros do clero, é a época em que foram escritas. Se conferirmos as datas, percebemos que a maioria delas foi elaborada entre os anos de 1994 e 1996, além das outras, não datadas. Portanto, datilografadas há 25 anos, aproximadamente. Contudo, perceberemos na leitura que as reflexões não estão ultrapassadas, pelo contrário, continuam muito úteis e atuais. Percebe-se que o autor tem especial atenção para a fundamentação patrística, conciliar e pós-conciliar dos documentos citados, sobretudo no campo da liturgia.

O livro **VARIAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO CRISTÃ**, que vamos ler e refletir, se divide em 06 capítulos ou palestras, iniciando com aspectos bem práticos sobre a vida de oração, com o título: **A Oração**. Para o autor, orar “*é entrar num relacionamento vivo, íntimo, pessoal com Deus vivo e verdadeiro... Rezar é viver, durante toda a nossa vida, este relacionamento íntimo com Deus, tomar parte na natureza divina* (p. 17) ... *É um conversar com Deus, é um encontro com nosso Amigo... Levar-nos-á, aos poucos, a viver habitualmente na presença de Deus... Começaremos a olhar as coisas e as pessoas assim como Deus as olha*” (p. 18). Semelhante atitude de oração nos levará a “*rezar sem cessar*” (cf. 1Ts 5,17 e Lc 18,1). É o que aprendemos de Jesus: “*A oração de Jesus está na adesão amorosa do seu*

oração humano à vontade santíssima do Pai” (p. 22). O autor conclui: *“Não há realidade mais importante para a vida do que a oração”* (p. 28).

O segundo capítulo ou palestra aborda **A Oração de Jesus** (Jo 17,1-26): *“Esta oração sacerdotal de Jesus mostra a identidade e a missão salvífica de Jesus na intimidade, comunhão, com o Pai”* (p. 31). Esta intimidade e comunhão leva a um modo de ser e agir: *“Nós podemos prolongar na Igreja a sua oração, a sua palavra, o seu sacrifício, a sua ação salvífica* (p. 37)... *A vida e o nosso ministério são a continuação da vida e da ação do próprio Cristo”* (p. 38). Na reflexão sobre a Oração Sacerdotal de Jesus, o autor faz um profundo questionamento aos presbíteros e bispos: *“Como será o nosso relacionamento de ministros do altar, da palavra, do serviço, com o Pai Celeste?”* (p. 33)... *Como presbíteros somos chamados a prolongar a presença de Cristo, único e sumo Pastor, atualizando seu estilo de vida e tornando-nos como que a Sua transparência no meio do povo a nós confiado* (p. 34)... *Este amor de Jesus é feito de atenção, de ternura, de compaixão, de acolhimento, de disponibilidade, de empenho pelos problemas do povo”* (p. 35).

O terceiro capítulo ou palestra reflete sobre **A Oração do Padre**. Sem a oração nos esvaziamos de Deus e nosso ministério se empobrece e perde sua motivação (funcionários do sagrado).

A oração não é fuga do mundo: *“A oração não é um sair da história ou estar divorciado do mundo, para entrar no absoluto de Deus. É, antes, um estar encarnado no mundo, inserido na história”* (p. 44-45). O autor acentua também que não bastam as exterioridades, pois a linguagem da oração (palavras, melodias, gestos, imagens) pode ajudar, mas não é absoluta, pois não constitui a oração em si: *“Elas podem ajudar a orar, como podem ser um empecilho. Pode-se facilmente cair na materialidade da oração, no ritualismo, no espetáculo, na beleza artística, sem chegar à interiorização do mistério que se reza”* (p. 46). Finalmente, em forma de síntese, Dom Aloísio Lorscheider aponta três características da oração: 1. A fé em um Deus pessoal e vivo; 2. A fé na presença real e ativa de Deus, dentro de nossa vida; 3. É um diálogo pessoal, íntimo e profundo entre nós e Deus (cf. p. 47). O autor termina dizendo que nossos pedidos, para serem atendidos, sempre devem ser em nome de Jesus Cristo, portanto, de acordo com o Evangelho (cf. p. 48).

O quarto capítulo ou palestra aborda **A Oração dos Salmos**. Os Salmos foram assumidos e rezados pelo próprio Jesus Cristo; torna-se o mais valioso livro de oração para toda humanidade, em todos os tempos (cf. 52). Os Salmos *“são uma pro-fissão de fé do povo eleito no Deus que se manifestou a ele”* (p. 52). Por isso *“o Salmo é sempre um reflexo da experiência de*

Deus, inserida na história sagrada” (p. 53). Neles afloram os sentimentos e a emotividade: Os Salmos assumem “*as situações concretas da vida humana para inseri-las nos mistérios da redenção*” (p. 54 e p. 76).

O quinto capítulo ou palestra versa sobre a **Oração Litúrgica**. O autor afirma que a fé vive da oração (p. 57): “*Oração é essa comunhão com Deus*” (p. 67). Nossa oração pessoal – intimidade com Deus – deve integrar-se na oração litúrgica, que torna presente os mistérios da salvação: “*Quando se lê, na Igreja, a Sagrada Escritura, é Deus quem fala* (p. 62) ... *Na liturgia sacramental o Espírito Santo torna presente, no coração da Igreja, a liturgia celeste para que a Igreja Esposa participe da Páscoa do Senhor* (p. 60) ... *O Mistério que a fé confessa encontra-se atualizado na liturgia e interiorizado, personalizado na oração* (p. 63) ... *O Mistério pascal de Cristo é celebrado, mas não se repete; o que se repete são as celebrações. Agora, em cada uma delas, se produz a efusão do Espírito Santo*” (p. 66). Na Liturgia das Horas, “*através de nossa oração fazemos todo o mundo rezar* (p. 71) ... *A oração se estrutura ao redor da Palavra de Deus. Os hinos e os Salmos do dia criam o clima conveniente para ouvi-la*” (p. 80). Nesta forma de oração da Igreja, nos damos conta que “*Deus fala; depois, nós respondemos. A nossa resposta é nossa oração*” (p. 91). O autor

conclui: *“Toda celebração litúrgica visa, fundamentalmente, à comunhão íntima da criatura humana com Deus. Por isso, toda celebração litúrgica é oração, e a mais autêntica, porque é o Cristo que reza, que, sobretudo, nela se prolonga e se faz presente”* (p. 89).

O sexto capítulo ou palestra tem como título: **Adorar**. Em síntese, o autor explica a diferença entre *adorar* e *venerar*: *“Adorar ou adoração indica a atitude de entrega total, até a doação da própria vida* (p. 94) *... Venerar é a atitude de respeito para com outra pessoa, especialmente por sua conduta exemplar ... É uma entrega relativa que consiste numa atitude de imitação da vida da pessoa e de pedido de intercessão”* (p. 95).

Eis alguns destaques do que podemos ler, meditar e aprender do nosso admirável confrade, sacerdote, bispo e cardeal. Que seu testemunho de vida orante e sua sabedoria nos ajudem a rezar mais e melhor.

Dom Frei Aloísio Alberto Dilli, OFM
Bispo de Santa Cruz do Sul – 13/01/2021.

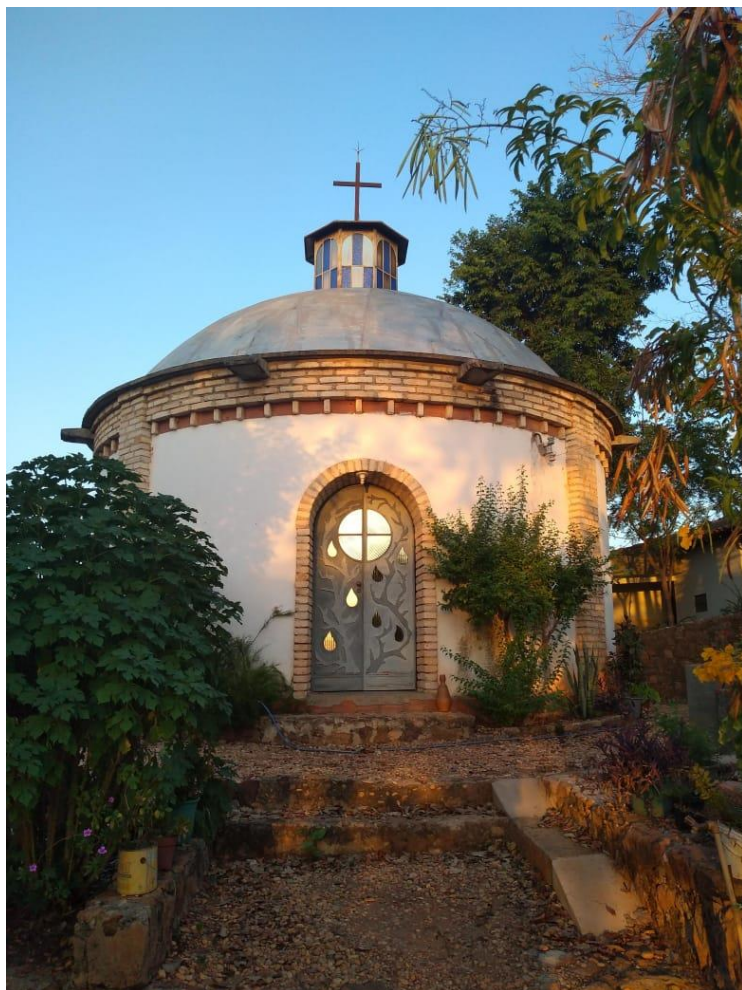


Foto 2

1.

A ORAÇÃO¹

1. *Dificuldades*

Muitas pessoas até gostariam de rezar, mas sofrem influência da mentalidade atual. A oração, no mercado moderno, não está em alta. O que está tornando difícil a oração?

Há os fenômenos de sempre: as distrações, a secura, falta de gosto, certa preguiça espiritual. Há também uma mentalidade do não ter tempo para orar. Há tanta coisa para fazer; entra o cansaço e não é possível se cansar mais ainda com a oração. O rezar se torna incompatível com as muitas exigências da vida hoje. Acrescenta-se a tudo isso que hoje só se considera verdadeiro o que se pode verificar pela ciência e pela técnica. É justamente aí que emperra tudo. Oração não se pode medir. Oração não se pode calcular. A oração não se pode reduzir a um produto.

¹ Os textos que ora publicamos foram recolhidos dos escritos de Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM, datilografados e ou manuscritos, arquivados na Secretaria provincial da Província São Francisco de Assis, Porto Alegre, RS. Gratidão à Senhora Marinês Noges, que muito contribuiu na preservação dos mesmos, enquanto trabalhava na Casa provincial. Não temos conhecimento se os mesmos já foram oficialmente publicados em outros meios. Se eventualmente tenham sido publicados, solicitamos que seja comunicado à Secretaria provincial da Província São Francisco de Assis no Brasil (secretariaofmrs@gmail.com), para que possamos fazer a referência no presente texto (Os Editores).

Oração é problema de fé. Ela é um mistério que vai muito além do nosso consciente e mesmo do nosso inconsciente. A oração atinge mais longe do que as realidades que nos cercam.

O mundo atual gosta também do que é produtivo, do que rende, do que é eficaz. E aqui vem nova dificuldade: a oração parece improdutiva, não é rentável. Conclui-se que ela é inútil.

Para muitos ainda os critérios para dizer se alguma coisa é boa, bela, verdadeira, estão nas sensações e no conforto. Quem reza, muitas vezes, não sente nada, a não ser um certo desconforto. Por isso, uma oração, que se orienta para a glória de Deus vivo e verdadeiro, não diz nada.

E há ainda pessoas para as quais orar é perder tempo. São os ativistas. Não têm tempo para parar um pouco, refletir. É preciso aproveitar todos os momentos para ganhar dinheiro. Sem dinheiro não se faz nada no mundo. Ademais, a oração se apresenta como uma fuga do mundo, fuga de suas realidades. É a religião ópio do povo!

O que dizer diante de tanta dificuldade? O que é mesmo oração? Ela é necessária? Tem ela eficácia? Para que orar? De que jeito orar? Há um lugar próprio para se orar, um tempo próprio? Que duração deve ter a oração?

2. O que é rezar?

Pergunta importante. Sabendo-se o que é rezar, a gente é capaz de apreciar mais a oração e até desejá-la. Por que é importante, rezar?

É entrar num relacionamento vivo, íntimo, pessoal com Deus vivo e verdadeiro. Para rezar bem, para ter gosto na oração, é preciso entrar no mistério da Santíssima Trindade, no mistério do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quando você começa a rezar, normalmente você faz o sinal da cruz, você se benze, e diz: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Você está orientando-se para as Três Pessoas Divinas, para a Santíssima Trindade. Para entender essa atitude, é necessário lembrar-se de que entra em questão o santo batismo. E por quê? Porque, pelo batismo, nós somos mergulhados, somos imersos, na vida íntima de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Com o batismo começa a nossa vida de oração.

Por isso, rezar é viver, durante toda a nossa vida, este relacionamento íntimo com Deus, tomar parte na natureza divina. É viver nosso ser filho de Deus. Pela oração não saímos da história, não nos divorciamos do mundo e de sua realidade. Antes, interiorizamos o mundo como fermento de transformação da vida da humanidade. A oração está ligada à criação feita por

Deus. Está ligada à história da humanidade; está ligada aos acontecimentos da história cotidiana de nossa vida e da vida dos outros.

3. É difícil a oração?

Não é tão difícil. Ela é um simples olhar lançado ao céu; é um grito de confiança e amor, no meio de nossas provações ou alegrias. É um conversar com Deus, é um encontro com nosso amigo, com o grande Amigo Deus.

4. A língua da oração

A oração tem sua linguagem. Essa não é, em si, oração, mas ajuda a oração. Linguagem são as palavras, as melodias, os gestos, as imagens, o canto, a dança, as dramatizações sagradas. Para fazer bom uso deste meio que é linguagem, é bom lembrar-se sempre que não podemos ficar parados na materialidade da oração ou no ritualismo do orante. Importa chegar à interiorização daquilo que rezamos. É a interiorização da nossa fé. Essa interiorização levar-nos-á, aos poucos, a viver habitualmente na presença de Deus, aliados a Ele e comungando com Ele. Começaremos a olhar as coisas e as pessoas assim como Deus as olha; começaremos a descobrir os passos de Deus na história da nossa vida.

5. Mas, será necessário rezar?

O próprio Deus, na sua Palavra, diz que é preciso rezar sempre: “Rezem sem cessar” (1Ts 5,17). É necessário embriagar-nos com o Espírito Santo, falando uns aos outros com salmos, hinos, cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em nosso coração, sempre e por tudo dando graças a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Ef 5,18-20). Jesus quer que a gente reze para não cair em tentação, já que o Espírito está pronto, mas a carne é fraca (cf. Mc 14,38).

Como podemos ser bons filhos de Deus Pai se não nos lembramos d’Ele e vivermos como se Ele nem existisse? Há um grande santo, na antiguidade, de nome João Crisóstomo, que costumava dizer: “É impossível que cometa pecado quem reza”. E outro santo já mais perto de nós, Afonso de Ligório, afirmava: “Quem reza, certamente se salva; quem não reza, certamente se condena”.

Mas, como rezar sempre? Um grande doutor da antiguidade, Orígenes, responde dizendo: “Reza sem cessar aquele que une a oração às obras e as obras à oração. Somente assim podemos considerar como realizável o princípio do orar sem cessar”. O próprio Deus, no Antigo Testamento, dava a Abrão este conselho: “Anda diante de mim e sê perfeito” (Gn 17,1). Andar diante de Deus é rezar. São Paulo tem outra afirmação precisa para

fazer de nossa vida oração. Diz ele: “Quer que vocês comam, quer que vocês bebam, quer que vocês façam qualquer outra coisa, façam tudo em nome de Jesus Cristo, para a glória de Deus Pai” (1Cor 10,31; Cl 4,17).

Em poucas palavras, a oração é necessária para alimentar nossa vida íntima com Deus e dar consistência a tudo aquilo que fazemos.

6. E Jesus rezava? Como é que Ele rezava?

O Evangelho nos diz que Jesus rezava muito. Ele passava noites inteiras em oração ou levantava-se bem cedo, de madrugada, para ir rezar. Ele gostava de rezar em lugares desertos ou nas montanhas. Os quatro evangelistas falam dessa oração de Jesus, de modo mais particular São Lucas, o evangelista da oração.

Jesus rezava quando devia tomar uma decisão importante, como no caso da escolha dos doze Apóstolos. Naquela ocasião, Ele foi à montanha, passou a noite inteira em oração a Deus.

Quando amanheceu, Ele chamou a si os discípulos e entre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos (Lc 6,12-13). Rezou na hora do seu batismo no rio Jordão, na

Transfiguração sobre o monte Tabor, antes de ressuscitar a Lázaro, antes de sua Paixão, entre outros.

Como era essa oração de Jesus? Os evangelistas conservaram para nós diversas orações de Jesus: aquela em que Jesus agradece ao Pai por ter revelado estas coisas aos pequeninos e aos humildes e tê-las escondido aos sábios deste mundo; aquela em que Jesus estava para ressuscitar Lázaro: “Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que tu me enviaste” (Jo 11,41-42); uma outra, a grande oração da unidade, que o Catecismo da Igreja Católica chama de Oração da Hora de Jesus: “Pai, chegou a hora; glorifica teu Filho para que teu Filho te glorifique...” (Jo 17); a oração no jardim das Oliveiras: “Abba! Pai! A ti tudo é possível; afasta de mim este cálice, porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36).

E as orações de Jesus, quando já estava suspenso na cruz: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23,24); “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34); “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). A Carta aos Hebreus fala desta oração de Jesus: “É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente

clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte e foi atendido por causa de sua submissão” (Hb 5,7).

A oração de Jesus está na adesão amorosa do seu coração humano à vontade santíssima do Pai. É o que exprime a oração conhecida como oração dominical, a oração do Senhor Jesus, a oração do “Pai Nosso”, na qual tudo converge para que o seu e nosso Pai seja conhecido, amado, obedecido. Santo Agostinho escreve que, nessa oração, estão presentes todas as orações.

É interessante saber que nossa oração sempre se realiza com Jesus, por Jesus e em Jesus. O batismo, além de nos mergulhar profundamente na vida íntima de Deus, incorpora-nos em Jesus Cristo, Deus-Homem, de tal forma que, rezando, Jesus reza conosco. É a grande força de nossa oração. É a grande energia de que podemos dispor e, da qual, às vezes, nos esquecemos. A solene conclusão das Preces Eucarísticas, na Santa Missa, diz tudo: “Com Cristo, por Cristo, em Cristo, a vós Deus, Pai todo Poderoso, seja dada toda a honra e toda a glória na unidade do Espírito Santo, agora e sempre. Amém”.

7. Será que a oração resolve?

“Sabe bem viver quem sabe bem orar”. A oração tem como primeira grande finalidade ajudar a viver como filhos e filhas de Deus e irmãos e irmãs entre nós. Esse é o ponto de

partida. Se a nossa oração não produz em nós esta atitude de vivência do amor de Deus e do amor fraterno, ela não tem eficácia, ela não resolve.

Por isso, além da exigência da fé, é exigido de nós esforço constante por conformar, o mais perfeitamente possível, a nossa vontade à vontade de Deus: “seja feita a Vossa vontade, aqui na terra como lá no céu”. A vontade de Deus é a nossa felicidade.

Muitos, entretanto, rezam tanto, querem fazer a vontade de Deus, mas não são atendidos. É uma preocupação justa, que pede, porém, uma dupla consideração. Devemos perguntar-nos se esta preocupação, com sermos ou não sermos atendido, existe também quando louvamos a Deus ou Lhe damos graças pelos benefícios recebidos ou se ela só aparece quando não vemos o resultado dos nossos pedidos. É bom indagar de nós mesmos qual a imagem que fazemos de Deus. Qual o Deus que estamos invocando? É o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e nosso Pai, ou é apenas o Deus “quebra-galho”, o Deus que sempre dá um jeito, um Deus mágico?

Se Deus nem sempre parece ouvir a nossa oração é hora de se perguntar como está sendo nossa oração. Estamos pedindo o que é conveniente dentro do plano salvador divino? Estamos pedindo em nome de Jesus Cristo? “Tudo quanto pedirdes a meu

Pai em meu nome, vos será concedido” (Jo 16,23). Para pedir em nome de Jesus, importa que o nosso pedido esteja de acordo com o Evangelho. Só este tipo de oração tem eficácia infalível. Não podemos assemelhar-nos àquelas pessoas que pedem mil e uma coisas a Deus, como crianças mimadas o fazem com seus pais cegos. Também não se pode colocar a eficácia da oração na quantidade de orações que se fazem ou nos vários ritos que se realizam. Se faltarem as disposições interiores não se pode pretender nada. E a disposição interior mais importante é a da fé. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11,1ss). São Tiago, na sua carta, diz que não recebemos porque pedimos mal ou pedimos com um coração “adúltero”, um coração dividido (Tg 4,3-4). Deus, precisamente porque nos ama, não nos pode ouvir quando pedirmos a Ele o que nos há de prejudicar. Nem tudo o que nos parece bom é de fato bom para nós. Deus, que perscruta os corações e sabe também o futuro da gente, Ele, como bom Pai, procura prevenir o mal que nos poderia acontecer, se Ele nos atendesse neste ou naquele pedido.

Para dizer tudo de modo claro e sintético, a eficácia da nossa oração depende da nossa união com Jesus Cristo e da conformidade de nossa vontade com a vontade de Deus. Não podemos impor a Deus nossa vontade, nem querer, pela oração, realizar nossos caprichos ou egoísmos. Quanto mais íntima for a

nossa união com Jesus e com a vontade do Pai, tanto mais eficaz é nossa oração.

8. Para que afinal rezar? É possível dispensar a oração?

Porque, pelo santo batismo, entramos na família divina, começou para nós um novo relacionamento, o relacionamento de filhos e filhas para com seu Pai, seu Irmão Maior Jesus Cristo, seu Esposo, o Espírito Santo. Ora, este novo relacionamento, essa nossa entrada numa família santa como a de Deus Uno e Trino pede de nós uma vida dentro do ser da vida dessa família. A nossa vida não pode destoar de nossa filiação divina. Essa harmonia de vida é que constitui nossa vida de oração. Orientamos a nossa vida segundo a vida íntima de Deus. Assim toda a nossa vida tornar-se-á oração.

A oração, portanto, tem, como finalidade, cultivar esta intimidade divina, dar vitalidade à nossa vivência dentro da vivência da Santíssima Trindade. Podemos ainda dizer que o objetivo da oração é conservar e aprofundar a nossa amizade com Jesus, purificar sempre mais o nosso ser para que seja um templo digno de Deus, onde Deus possa morar com alegria, onde Ele possa encontrar as Suas delícias. Rezar é viver a conversão, crendo no Evangelho (Mc 1,15). É realizar em nós o plano divino da salvação. É oração ligada à vida; é vida ligada à oração.

9. *Como rezar?*

A oração pode ser feita sob as mais diversas formas. A oração pode ser procedimento vocal ou predominantemente mental. Depende se você usa mais a voz ou usa mais a reflexão sobre os mistérios da fé que vão dando sentido à sua oração.

O modo de oração não importa muito; o que importa é que você purifique sempre mais o seu coração, os sentimentos, os afetos, as emoções, a fantasia, a memória, a imaginação e a própria inteligência e vontade. É aqui que joga um papel importante a confissão frequente, a busca do domínio sobre si mesmo, as pequenas renúncias num sentido de cruz, que o dia exige, a prática do amor fraterno e da justiça, num respeito muito grande para com cada pessoa.

Hoje, existem pessoas que se voltam para métodos orientais de rezar. Em certas técnicas de oração orientais pode haver elementos que podem favorecer a oração. Mas, não se pode esquecer nunca a importância da vivência da fé na autêntica oração cristã. Não se devem confundir técnicas de oração com a oração propriamente dita, que na fé cristã, tem sempre, como último fundamento, o mistério da Santíssima Trindade.

10. Onde rezar?

Lá onde você estiver, você pode elevar seu coração e seu pensamento a Deus, você pode dialogar com Deus, você pode fazer a sua ligação telefônica com Deus. Você pode rezar de pé, sentado, viajando, deitado, contanto que seja numa posição conveniente.

Lugar ideal para rezar é sempre a igreja. Existe, todavia, uma Igreja muito especial, chamada Igreja “doméstica”, a Igreja da casa da gente, lá onde se desenvolve a vida de família; lá é necessário rezar e muito. Família que reza unida vive unida. Se você quer ter uma família boa, onde todos se entendam e se queiram bem, então reze em família. É a Igreja da qual Deus gosta.

Também os mosteiros de vida contemplativa podem ser ambiente propício de silêncio necessário para oração pessoal mais intensa.

Nem se podem esquecer os santuários, lugares de peregrinação, onde a graça de Deus normalmente se manifesta de modo muito especial. São lugares muito indicados para rezar bem e fervorosamente.

11. Quando e em que tempo rezar?

Segundo a palavra de Jesus, é preciso rezar sempre e nunca parar de rezar (Lc 18,1); Mas, no seu dia-a-dia, existem

alguns momentos mais fortes de oração pessoal e comunitária. Temos alguns momentos que são cotidianos: de manhã, à tarde, antes e depois das refeições, à noite, antes do repouso. Há um dia da semana que deve ser bem aproveitado para a oração: é o domingo, o Dia do Senhor.

A duração da oração depende muito de cada pessoa, do seu temperamento, do seu teor de vida, de seu progresso na vida cristã. Quanto mais alguém viver afastado de Deus, maior duração se impõe. Se alguém vive no mundo dos negócios, mundo agitado e movimentado, o exercício mais prolongado de oração se impõe mais do que para aquele que vive num claustro, no silêncio, num mundo mais tranquilo e calmo.

Em síntese, se alguém deseja sinceramente progredir na intimidade divina, requer-se tempo relativamente mais longo de oração.

Não há realidade mais importante para a vida do que a oração. A oração é a vida de um coração novo; ela nos deve animar a todo momento. A oração é uma recordação constante de Deus, é um despertar frequente da memória do coração. É preciso lembrar-se de Deus com mais frequência do que se respira. É preciso convencer-se de que, sem oração, a nossa vida não anda. Vivemos superficialmente; sentimos dentro de nós um vazio, um oco, um vazio, que só Deus é capaz de preencher.

12. E as dificuldades?

Começamos com elas e com elas vamos terminar. A oração é um combate. Ela supõe esforço, esforço contínuo, como diz São Paulo, de modo belo e incisivo na Carta aos Romanos: “Contudo, eu vos peço, irmãos, por Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que luteis comigo nas orações que fazeis a Deus por mim, a fim de que eu possa escapar das mãos dos infiéis da Judeia e para que o meu serviço em favor de Jerusalém seja bem aceito pelos santos. Assim, se Deus quiser, poderei visitar-vos na alegria e repousar-me junto de vós” (Rm 15,30-32).

Na Eucaristia, os exemplos referentes à oração, como luta, como combate, são muitos. É preciso lutar contra nós mesmos; é preciso lutar contra as ciladas do demônio, que faz de tudo para nos desviar da oração. O combate da vida nova do cristão ressuscitado em Jesus Cristo, pelo batismo, é inseparável do combate da oração. Tente rezar e você fará a experiência de uma vitória jamais sonhada!

Aloísio Card. Lorscheider
Arcebispo de Fortaleza
24.11.1994



Foto 3

2.

A ORAÇÃO DE JESUS

(JO 17,1-26)

1. Esta oração sacerdotal de Jesus mostra a identidade e a missão salvífica de Jesus na intimidade, comunhão, com o Pai. Jesus era apaixonado pelo Pai: “ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho...” (Mt 11,27); um conhecedor do amor do Pai – Pai que ama profundamente seu Filho: “Este é o meu Filho bem amado em quem pus todo o meu agrado” (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22); “Tanto Deus, Pai, amou o mundo que lhe deu o seu Filho único...” (Jo 3,16); Pai que ama profundamente o mundo (= os homens); conhecedor da glória do Pai, da qual o Pai quer fazê-lo participar: “Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo” (Jo 12,28), e da qual Jesus também deseja participar, pois é esta a verdadeira vida, a verdadeira felicidade: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique... Glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti, antes que o mundo existisse” (Jo 17,1.5). De fato, Deus Pai o exaltou e lhe deu um nome acima de todo nome (Fl 2,9).

Jesus sabe que pode pedir esta glorificação, esta exaltação, porque “eu te glorifiquei sobre a terra, terminei a obra que me deste por fazer... Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram a tua palavra... reconheceram verdadeiramente que saí de ti e crearam que tu me enviaste” (Jo 17,4.6.8).

O importante, em toda a vida e obra de Jesus, é que “eles Te conheçam”. “Esta é a vida eterna” (Jo 17,3). Jesus mesmo só tem alegria em fazer a vontade do Pai e levar a termo a sua obra. É este seu alimento, sua satisfação, não necessita de mais nada (Jo 4,34). Que o nome do Pai seja santificado, seja respeitado; sim, que o Pai seja respeitado por todos! Que o seu Reino venha, que o Pai seja tudo em todos (1Cor 15,28): “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo em nome de Jesus, para a glória de Deus Pai” (1Cor 10,31; Cl 3,17)! Que seja feita a vontade do Pai aqui na terra como é feita lá no céu. Terra e céu têm o mesmo modo de viver do Pai no céu, o mesmo estilo de vida!

Qual é este estilo? O pão nosso para todos... o perdão como o Pai perdoa... nenhuma concessão à tentação de pactuar com o maligno.

Para realizar a vontade do Pai é que Jesus se fez obediente até a morte e morte de cruz (Fl 2,8).

2. Diante de tudo isso, como será o nosso relacionamento de ministros do altar, da palavra, do serviço, com o Pai Celeste? Perfeitos como o Pai Celeste?

3. *Jo 17,6-16: Jesus e nós*

“Eles guardaram a tua palavra” (Jo 17,6): podemos afirmar isso de nós?

“Creram que tu me enviaste” (Jo 17,8): estamos convencidos – temos a convicção – cremos de fato que Jesus é o Enviado, o Messias: Tu és o Cristo, o Messias, Filho de Deus vivo, que veio a este mundo para dar testemunho da luz e da vida? (Mt 16,16; Jo 1,4.7.78).

A nossa identidade sacerdotal de Presbíteros e Bispos está no fato de sermos, pela ordenação, uma derivação, uma participação específica, uma continuação do próprio Cristo, sumo e eterno sacerdote da nova e eterna Aliança. Devemos ser imagem viva e transparente de Cristo Sacerdote. É o sacerdócio de Cristo fonte única e insubstituível do nosso sacerdócio? Qual é a referência de nosso sacerdócio ao de Cristo?

Temos em nós a plena alegria de Jesus (Jo 17,13)? Ou colocamos a nossa alegria nas realidades deste mundo (casa, carro, motocicletas, viagens, passeios...)? “Não peço que os tires

do mundo, mas que os guardes do Maligno” (Jo 17,15). “Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo...” (Jo 17,16).

Somos enviados ao mundo para salvar o mundo, para que, por meio de nossa palavra, as pessoas creiam em Jesus Cristo. Para isso é preciso que nos santifiquemos de verdade. Jesus santificou-se (imolou-se, sacrificou-se) por nós. Seremos também nós capazes de nos santificar, de nos imolar, de nos sacrificar pela causa de Jesus e para salvação de nossos irmãos?

Como Presbíteros somos chamados a prolongar a presença de Cristo, único e sumo Pastor, atualizando seu estilo de vida e tornando-nos como que a Sua transparência no meio do povo a nós confiado. A primeira Carta de São Pedro convida: “apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não obrigados, mas de boa vontade segundo Deus, nem por lucro sórdido, mas com prontidão de ânimo” (1Pd 5,1-4). Existimos e agimos para o anúncio do Evangelho ao mundo e para a edificação da Igreja em nome e na pessoa de Cristo, Cabeça e Pastor. Somos configurados a Jesus, confirmados e animados com a sua caridade pastoral, colocados na Igreja na condição de servidores do anúncio do Evangelho a toda a criatura e da plenitude de vida cristã para todos os batizados.

4. *Jo 17,20-26*. O amor para com o Pai, Jesus e Espírito Santo, deve desabrochar no amor para com a Igreja.

“Não rogo só por eles, mas também pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim” (Jo 17,20). O móvel de tudo: o nome do Pai, o conhecimento do Pai, o amor do Pai para com Jesus, amor que deve queimar em cada batizado, em cada um que crê em Jesus (cf. Jo 17,26). Se nós padres tivermos a convicção missionária – enviados com Jesus, o Enviado por excelência, – enviados com o Espírito Santo, então, sentiremos o ardor de Cristo pelo povo e amaremos a Igreja como Cristo a amou.

Como enviados, portanto, como missionários do Senhor, devemos ser impelidos pelo zelo de Jesus, preocupados em fazer felizes a todos. A nossa inspiração será o próprio amor de Jesus: “O amor de Cristo nos impulsiona, considerando que um só morreu por todos...” (2Cor 5,15). Este amor de Jesus é feito de atenção, de ternura, de compaixão, de acolhimento, de disponibilidade, de empenho pelos problemas do povo. Não podemos permanecer indiferentes aos problemas reais de nosso povo: “Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome; guardei-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição” (Jo 17,12). A prece ardente de Jesus é: “Pai, aqueles que me deste, quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo, para que contemplem a glória que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17,24). O amor de Jesus envolvia o

mais fundo da pessoa. Ele, que “sabia o que há em cada homem” (Jo 2,25), amava a todos para lhes oferecer a redenção e sofria quando esta era rejeitada.

Nós, igualmente, seremos os homens do amor, a fim de podermos anunciar a cada ser humano que Deus o ama e que ele próprio pode amar. Para isso é preciso que usemos de amor para com todos, gastando a nossa vida a serviço do nosso próximo. Nós somos “universais”, que no espírito de Jesus e da Igreja, levemos a nossa abertura e amizade a todos, especialmente aos mais pobres e fracos. Somos sinal do amor de Deus Pai, manifestado por Jesus, Verbo Encarnado, dinamizado constantemente na Igreja pelo Espírito Santo, sinal de um amor sem qualquer exclusão nem preferência. A nossa obsessão de Presbíteros, enviados pelo Senhor, deve ser, como a de São Paulo, que tinha “o cuidado, a solicitude, a preocupação por todas as Igrejas” (2Cor 11,28). A fidelidade a Cristo não se pode separar da fidelidade à Igreja (cf. *Redemptoris Missio*, 89).

A nossa relação de presbíteros e sacerdotes com Jesus Cristo e, n’Ele com a sua Igreja, situa-se no próprio ser do nosso sacerdócio com a Sua Igreja; situa-se no próprio ser do nosso sacerdócio, em virtude da nossa consagração/união sacerdotal, e situa-se também em nosso agir, na nossa missão, no nosso ministério. Pelo fato de participarmos da “unção e da missão” de

Jesus Cristo, nós podemos prolongar na Igreja a sua oração, a sua palavra, o seu sacrifício, a sua ação salvífica. Nós somos a garantia da presença salvífica de Jesus no mundo! (Sínodo 1971). Somos os servidores da Igreja, no ministério, porque atuamos os sinais eclesiais e os sacramentais da presença de Cristo Morto-Ressuscitado; somos servidores da Igreja-comunhão porque, unidos ao Bispo e em estreita relação com o presbitério, construímos a unidade da comunidade eclesial na harmonia das diferentes vocações, carismas e serviços; somos servidores da Igreja-missão, porque fazemos com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do Evangelho.

5. Concluindo essa nossa reflexão da oração sacerdotal de Jesus, devemos nos dar conta que a tarefa evangelizadora e pastoral exige de nós sacerdotes que estejamos radical e integralmente imersos no mistério de Cristo, realizando um novo estilo de vida evangelizadora e pastoral, estilo que se caracteriza por profunda comunhão com o Papa, com os Bispos e entre nós mesmos, e por fecunda colaboração com os leigos, no respeito e na promoção dos diversos papéis, carismas e ministérios, no interior da comunidade eclesial.

Não nos esqueçamos jamais de que a nossa identidade tem a sua fonte mais remota no amor do Pai. Ao Filho, por Ele

enviado, Sumo Sacerdote e bom Pastor, estamos unidos sacramentalmente com o sacerdócio ministerial por ação do Espírito Santo. A vida e o nosso ministério são a continuação da vida e da ação do próprio Cristo. Esta é nossa identidade, nossa verdadeira dignidade, a fonte de nossa alegria, a certeza da nossa vida. Assim seja! (cf. *Pastores Dabo Vobis*, 16-18).

Aloísio Card. Lorscheider
Aparecida, 4 de julho de 1996.

3.

A ORAÇÃO DO PADRE

1. O Catecismo da Igreja Católica

Em janeiro, há um mês, fazíamos juntos, nos Cursos de Espiritualidade, a primeira abordagem do Catecismo da Igreja Católica. Notamos todos a riqueza que se esconde em suas páginas.

Após o Curso, continuei a estudar o Catecismo, dando a atenção mais particular à IV parte. Essa parte refere-se à oração cristã. Reza-se o que se professa pela fé, o que se vive na fé. Ficou muito presente uma frase do Catecismo: “reza-se como se vive, porque se vive como se reza” (CIC 2725).

Creio que faremos bem se, durante este ano, tomarmos, como ponto de meditação mensal em nossos retiros, essa IV parte referente à oração na vida cristã. Para nós, seria a oração na vida do Padre e do Bispo.



Foto 4

2. O que é mesmo a oração cristã?

A oração é muito importante. É a respiração de nossa vida. Por vezes, se ouve dizer que tal ou tal pessoa está muito oca. Até de algum Padre se diz isso. Oco por quê? Porque não reza. Oco, aqui, quer dizer o vazio. A pessoa não tem mais satisfação na vida. Pessoa vazia de Deus.

Quando olhamos a Palavra de Deus, percebe-se como a oração está presente, de forma muito viva, na economia da salvação.

O arcanjo São Gabriel aparece a Zacarias, que estava no templo à hora da oração vespertina, e lhe disse: “A tua oração foi ouvida. Isabel, tua mulher, vai ter um filho” (Lc 1,13).

“Tua oração foi ouvida...”. Que alegria para o velho Zacarias. Uma das grandes queixas que ouvimos tantas vezes é que Deus parece não ouvir a nossa oração. Não atende o que pedimos. Aqui a afirmação é tão clara: tua oração foi ouvida.

Da mesma forma, o envio do mesmo Arcanjo à Maria em Nazaré. Embora não se diga expressamente que Maria estivesse rezando, como se diz de Zacarias, vê-se que o ambiente todo é de oração. E até nasce a oração que, junto com o Pai Nosso, constitui a prece mais frequente dos fiéis e, nossa. “Ave, cheia de graça. O Senhor é contigo”. A resposta final de Maria ao Anjo só pode partir da boca de quem estava orando: “Faça-se em mim

conforme disseste. Eis a Serva do Senhor!” É a entrega total ao plano de Deus (cf. Lc 1,38).

E Maria vai às pressas à montanha e lá tudo acontece de novo em meio a um clima de oração. “Donde me vem que venha a mim a Mãe do meu Senhor? Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre”, é a exclamação daquela que, ao ouvir a saudação de Maria, ficou cheia do Espírito Santo.

E Maria, por sua vez, “*Magnificat anima mea Dominum*” (Lc 1,46-55). Logo depois temos o “*Benedictus*” (Lc 1,68-79). E um pouco mais tarde o “*Nunc dimittis*” (Lc 2,29-32). É em meio à oração que se realizam os grandes feitos salvíficos do Senhor.

E, no início da Igreja, temos o mesmo quadro. É orando no Cenáculo que Maria Santíssima e os Apóstolos, com os primeiros cristãos, aguardam a vinda visível do Espírito Santo. Também essa presença constante do Espírito Santo não pode deixar de ser sublinhada. E quantas vezes, no início da vida na Igreja, a comunidade cristã aparece rezando: “Enquanto Pedro estava no cárcere, a Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele” (At 12,5). “Pedro já inteiramente lúcido, dirigiu-se à casa de Maria, mãe de João, que tem o sobrenome de Marcos. Aí se achavam muitas pessoas reunidas em oração” (At 12,13-14).

E o próprio Apocalipse, o livro dos novíssimos tempos da Igreja, não tem outra orientação. Quantas orações não temos naquele livro maravilhoso. É preciso estar atento para aquilo que o Espírito diz às Igrejas (Ap 2,7ss).

É em meio à oração que começa a restauração do gênero humano. É em meio à oração que a Igreja encontra o seu caminho, entra na história, atravessa-a e se encontra finalmente na parusia, com o Senhor Jesus: “Amém! Vem, Senhor Jesus! Maranatha” (Ap 22,20).

Nem é necessário lembrar Jesus. Passava as noites em oração... Levantava-se muito cedo, de madrugada, ia a lugares desertos para rezar (Mc 1,35; 6,45; Lc 5,16).

A oração, pois, tão importante para a vida da Igreja, para a nossa vida, o que é?

O Catecismo responde que é uma relação viva e pessoal com o Deus vivo e verdadeiro. Para bem rezar, é necessário entrar no mistério da Santíssima Trindade. Desde o nosso santo batismo, a nossa vida traz a marca trinitária. Pelo batismo somos mergulhados na vida íntima de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Este mergulho acontece através da humanidade de Jesus Cristo: “Ninguém vai ao Pai a não ser por mim. Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Em nenhum momento da nossa oração, podemos dispensar-nos de pensar em

Jesus Cristo, Mediador necessário, nem deixar de ir a Deus, no seu mais íntimo mistério, a não ser por Jesus, Verbo Encarnado. A meditação cristã orante procura encontrar, nas obras salvadoras de Deus, em Cristo Verbo Encarnado e no dom do seu Espírito, a profundidade divina que, nestas obras, revela-se sempre mediante a dimensão humano-terrena. É em Cristo Homem que a majestade de Deus se revela. É impossível imergir-se na esfera do divino sem passar pela esfera do humano de Jesus Cristo. É precisamente aqui que a oração cristã e a oração não cristã se diferenciam. Não são técnicas, não importa de que natureza que sejam, capazes de realizar isso. Mas, sim uma vida de grande pureza de coração, de domínio sobre si mesmo, de vivência sempre mais habitual na presença de Deus, dentro de grande docilidade ao Espírito Santo, que nos levam sempre mais profundamente para dentro da vida íntima do Deus Uno e Trino. É por meio dessas atitudes de vida que permaneceremos como o Filho Unigênito do Pai, o Verbo Encarnado, no seio do Pai: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho e a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). É através da humanidade de Jesus que entramos no Santo dos Santos (cf. Hb 9,1-14).

Rezar é, por conseguinte, viver em Deus, vivendo encarnado através do Verbo Encarnado. A oração não é um sair da história ou estar divorciado do mundo, para entrar no absoluto

de Deus. É, antes, um estar encarnado no mundo, inserido na história como fermento de transformação da vida dos homens, pessoal e social, incluindo as estruturas sócio-político-econômico-culturais. A oração, mergulho na vida íntima da Santíssima Trindade, está sempre ligada à história salvífica dos homens; é a relação com Deus, nos acontecimentos da história (CIC 2568).

3. *Diversos enfoques*

Esta relação pessoal com o Deus vivo e verdadeiro pode ser vista sob diversos ângulos. Depende muito do progresso espiritual de quem fala. Assim, para Santa Teresinha (CIC 2558), a oração é um impulso do coração, um simples olhar ao céu, um grito de reconhecimento e amor, no meio da provação ou no meio da alegria.

Para São João Damasceno, já é a elevação da alma a Deus.

Segundo outros, ela é o pedido dos bens convenientes, ou ainda, a intenção afetuosa do espírito para Deus; ou também, conversação com Deus, ou melhor ainda, *conversatio cum Deo in caelis*, diálogo com Deus, encontro com Deus. São todos enfoques especiais de formas de oração, de estágios de oração aos quais as pessoas chegaram.

Na oração também é necessário distinguir a linguagem da oração propriamente dita. Palavras, melodias, gestos, imagens, são diversas maneiras de linguagem usadas na oração, mas não constituem a oração em si. Elas podem ajudar a orar, como podem ser um empecilho. Pode-se facilmente cair na materialidade da oração, no ritualismo, no espetáculo, na beleza artística, sem chegar à interiorização do mistério que se reza.

A oração, para ser oração, deve ser o encontro entre a sede de Deus e a nossa sede (CIC 2560).

Nossa relação íntima com Deus Uno e Trino, desde o dia do nosso batismo, é uma relação de Comunhão e Aliança. Comunhão e aliança entre Deus e o homem, em união com a vontade humana do Filho de Deus (CIC 2564).

4. A vida de oração

A vida de oração consiste em estarmos habitualmente na presença do Deus três vezes santo, comungando e aliados com Ele. Ela se realiza por Cristo, com Cristo, em Cristo; entende-se à Igreja toda, Corpo de Cristo; e vai construindo no mundo o Reino de Deus. As dimensões da oração são as do Amor de Cristo (CIC 2565).

Se quiséssemos dar as notas características da vida de oração, deveríamos dizer que são três:

1 - A fé em um Deus pessoal, vivo, no qual estamos mergulhados. Quem reza, sabe que se encontra frente à sabedoria suprema, que nos conhece. Não basta a fé no significado da vida humana ou em uma pessoa humana, mas se requer a fé em Deus, no Amor desse Deus imenso, infinito, Pai.

2 - A fé na presença real e ativa de Deus dentro da nossa vida. Quem reza, tem fé na presença real e ativa de Deus, que se revela e nos revela e pede, assim, de nós uma resposta. A fé vive da oração; sem oração, cessa também a fé viva.

3 - É um diálogo pessoal, íntimo e profundo entre nós e Deus. Na oração é sempre essencial o encontro de duas liberdades: a liberdade de Deus e a liberdade do homem. A liberdade de Deus é infinita; nossa liberdade é colocada dentro dessa liberdade divina e pode desenvolver-se ilimitadamente. É na liberdade de Deus que seremos realmente livres.

Conclusão

Em nossa oração deve animar-nos um profundo sentimento de confiança: Deus, que nos fala e continua a se revelar na oração, há de ouvir a nossa prece. Às vezes, podemos ter a sensação de que Deus não nos ouve. Essa sensação não temos, em geral, quando se trata de nossa prece de louvor e agradecimento, mas quando Deus parece não atender o que lhe pedimos.

Por que será? Qual a imagem que temos de Deus? É a imagem do pai, do Abbà de Nosso Senhor Jesus Cristo ou é apenas um “Deus *ex machina*”, um “Deus quebra-galho”, um “Deus a nosso serviço”, um “Deus instrumento”? Nossos pedidos devem ser sempre em nome de Jesus Cristo: “Tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ser-vos-á concedido” (Jo 16,23). Em nome de Jesus Cristo só pode ser se for de acordo com o Evangelho de Jesus. Se for assim, sempre seremos atendidos.

A fé, requerida em nossa oração, supõe sempre a relação Tu-Eu e Eu-Tu: “Tu és e eu sou graças a Ti e Tu me convidas a viver contigo”.

Nós, que rezamos, sabemos que a vida eterna é esta: “conhecer a Deus como Pai do Senhor Jesus, conhecer a Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, mediador entre nós e o Pai, e crer no Espírito Santo, que reza em nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26).

Seria bom que nós agora, no silêncio, no recolhimento, nos perguntássemos:

- o que significa a oração na minha vida?
- o que é para mim oração em minha vida?
- que lugar dou à oração em minha vida?

- procuro levar vida de oração? Ou vivo muito atarefado, esquecido de Deus, não tendo tempo para Ele, já que tenho tanto a fazer? Quanto tempo dedico, diariamente, à oração pessoal?

Aloísio Card. Lorscheider
02.20.1994



Foto 5

4.

A ORAÇÃO DOS SALMOS

1. Na Liturgia das Horas ocupa lugar proeminente o salterio. Os Salmos foram também a oração de Jesus, durante a sua vida terrestre. No livro dos Salmos a economia da salvação se faz oração. Através dos Salmos, o Espírito Santo nos anuncia os gritos de angústia e os cantos de alegria, de louvor e de confiança de mil gerações de “pobres” (*anawim* de Jahvé!). Os Salmos foram compostos a partir do século X, recebendo sua última mão no séc. III a.C.

Ao rezar, de geração em geração, esses mesmos Salmos, a Igreja descobre neles a mesma oração de Cristo e o próprio Cristo. Segundo Santo Agostinho: “Se escutamos um salmo, que todo nosso esforço seja agora ver nele a Cristo, ouvir a Cristo.”

Nos Salmos podemos distinguir Salmos de louvor (hinos ao Deus Criador, ao Senhor da História, Hinos Litúrgicos, Cantos de Romaria, Cânticos de Sião etc.), Salmos de ação de graças, Salmos de Lamentação (Penitenciais) e Súplica, Salmos Sapienciais. Os Sapienciais são mais tipo de instrução ou

exortação: palavra dirigida aos homens (sabedoria de Deus que fala); os outros são mais oração: palavra dirigida a Deus.

O Saltério é, sem dúvida, o mais valioso livro de oração para toda a humanidade em todos os tempos. O próprio Deus ensinou-nos a rezar assim. É a oração que brota da vida de um povo.

2. No seu conjunto, os Salmos são uma revelação de Deus, revelação de sua natureza, de sua atuação no mundo e sua presença pessoal na vida dos fiéis; são uma profissão de fé do povo eleito no Deus que se manifestou a ele, e um testemunho de sua adesão a Deus, como preito de fidelidade de cada geração. É um povo que reza sua vocação e eleição, sua Lei, sua Torah, seu Deus, sua religião, sua história. Uma história na qual Deus é presença obrigatória. Reza a realidade de sua vida, de sua existência. Os Salmos são, ainda, um prólogo do Evangelho de Jesus Cristo. Em Jesus, a história da salvação alcança a unidade absoluta e indissolúvel entre graça divina e liberdade humana. Os Salmos são, na realidade, uma revelação de Jesus Cristo; são uma expressão da fé da Igreja. A Igreja, como novo povo de Deus, situa-se na linha da continuidade histórica do povo eleito do Antigo Testamento, enquanto professa a fé no mesmo Deus que se revelou, e que está inserida na mesma história salvífica e

se nutre da mesma Escritura Sagrada. Incorporada, porém, em Cristo Jesus, que nela se manifesta como Cabeça do Corpo Místico. Os Salmos sublinham também a dimensão religiosa do homem: a exímia dignidade do homem reside em sua vocação para a comunhão com Deus. É o único interlocutor qualificado para entrar em diálogo com Deus. Os Salmos exprimem também a experiência da salvação, no contexto da história sagrada, seja em âmbito nacional e individual. Uma situação individual sempre é vista como reflexo da vida nacional, tornando-se assim um momento da história sagrada.

3. A oração dos Salmos tem duas dimensões: particular e comunitária. Particular ou comunitária, a dimensão não importa. O salmo é sempre um reflexo da experiência de Deus, inserida na história sagrada. Os Salmos não elevam apenas a mente e o coração a Deus, mas estabelecem também a comunicação afetiva com Ele. Valem-se para isso dos dados do mundo visível e da história sagrada. No relacionamento com Deus, como realidade concreta e vital, o homem exprime, nos Salmos, todo o seu ser, sua sensibilidade, seus afetos; relembrando a situação histórica, avaliada à luz da revelação, revive-a sob o impulso da sua emotividade. Na meditação sobre as verdades reveladas, o homem descobre sua emotividade. Na meditação sobre as verdades

reveladas, o homem descobre sua profunda aspiração por Deus. A opção pelo Bem Supremo não se concretiza sem tensão devido ao atrativo de outros bens afins ou até contrários ao Bem Supremo. À luz, porém, das consequências negativas dos desvios do povo eleito em sua relação com Deus, o homem rejeita tais bens caducos para retomar o caminho de busca, recomeçando, sempre de novo, a sua volta para Deus. Nessa constante busca, a afetividade representa uma reação fundamental, motivada pelo amor, em demanda do Bem Supremo. A afetividade desperta intensas reações emotivas em relação à causa divina, seja de imprecação contra os impulsos que ousam hostilizá-la, seja de lamentação pelas situações adversas que dela derivam para os fiéis. A afetividade também desperta no homem simpatia e profunda atração por Deus, intenso sentimento de amor para com Ele. O resultado é serenidade e paz. O culto dessa afetividade espiritual, que inclina a vontade humana a abrir-se para Deus e a torna capaz de lhe responder por atos de adoração, louvor e ação de graças, com repercussão na vida particular e na convivência com os outros, constitui a amorosa acolhida da presença de Deus. Os Salmos foram redigidos para os fiéis expressar, na oração litúrgica, sua profissão de fé no Deus da revelação. Assumem, por isso mesmo, as situações concretas da vida humana para inseri-las nos mistérios da redenção, que se celebram na

Liturgia, de modo que o passado é redimido, recebendo no presente sentido novo, atualização da páscoa – passagem da morte para a ressurreição – e fazendo divisar, no horizonte o futuro sempre mais próximo, a vinda definitiva de Jesus.

Os Salmos são, no passado do povo eleito, a expectativa ardente da manifestação do Messias; são, no presente, a celebração do Messias que já veio e está aí na expectativa da consumação no final dos tempos. Futuro, passado e presente dos Salmos, tem o seu encontro em Jesus Cristo. E nós, com quem e em quem teremos o encontro?

Aloísio Card. Lorscheider
Arcebispo de Aparecida – SP
s/d



Foto 6

5.

ORAÇÃO LITÚRGICA

1. No ano passado, durante o retiro, fizemos um esforço para aprofundar a nossa vida de oração. Tivemos mais em vista a oração pessoal, enquanto condição necessária para o crescimento de nossa intimidade com Deus. A nossa vida cristã caracteriza-se pela fé. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11,6). Além do mais, a fé é uma posse antecipada do que se espera, é um meio de conhecer as realidades que não se veem (Hb 11,1). Ora, a fé vive da oração. Onde cessa a oração, cessa a fé e onde cessa a fé, cessa a oração. A fé, como a oração, são comunhão.

2. Neste ano, sempre num intenso clima de fé, vamos meditar sobre a oração mais nobre e mais significativa, que é a oração litúrgica, dentro da qual a nossa oração pessoal deve necessariamente integrar-se.

3. A oração litúrgica engloba toda a celebração do mistério cristão, o mistério da salvação. Ele tem sua expressão concreta na economia sacramental, cujo centro é o mistério eucarístico, o Cristo Morto-Ressuscitado. Ao redor dele gravitam os demais mistérios celebrados nos sacramentos, que têm sua

extensão e prolongamento em todas as horas do dia e da noite, na Liturgia das Horas. Ela é o elo, ao longo do dia, da grande oração eucarística; retoma e amplia suas expressões e conteúdo em clima de louvor e intercessão. Pela oração litúrgica consagra-se todo o curso do dia e da noite. O objetivo da Liturgia das Horas é a santificação do dia e de toda a atividade humana numa continuidade do mistério sacramental. Por isso, “*laus perennis*”.

4. Para uma compreensão maior da prece litúrgica, especialmente da Liturgia das Horas, importa penetrar mais no próprio significado do mistério litúrgico.

5. A nossa liturgia cá da terra está intimamente ligada à liturgia do céu. A nossa é liturgia no nível eficaz, sacramental: todo o mistério da salvação, o plano, desígnio eterno do amor de Deus para conosco realizado em plenitude em Jesus Cristo: “tanto Deus amou o mundo que lhe deu o seu Filho único, a fim de que todo aquele que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16), realiza-se, no tempo, sacramentalmente, à base de sinais eficazes de graça salvadora: tudo o que estava visível em nosso Salvador passou para os sacramentos (São Leão Magno, Ep. 74,2). São os sacramentos da humildade do Verbo (Santo Agostinho, *Confissões VIII*, 2,4), “Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). É o mistério da Economia da Salvação, vivido no mistério dos sacramentos. Eis o mistério da fé!

A liturgia celeste foi inaugurada com a Ascensão de Jesus aos céus e a sua glorificação à direita do seu e nosso Pai. Jesus celebra-a sem cessar com as Potências Celestiais, a gloriosa Mãe de Deus e a crescente multidão dos “filhos que Deus lhe deu” (Hb 2,12-13). O Apocalipse revela-nos precisamente o drama da salvação nos últimos tempos (que são os nossos!), desenrola-se, em primeiro lugar, a partir dessa liturgia celeste, ao redor d’Aquele que tem as chaves da morte e abre os selos do livro (Ap 4ss). Nessa liturgia celeste participa a nossa liturgia sacramental. A do céu não cessa; a nossa tem certos “momentos” fortes com a tendência da perenidade (Kairói - *Xoóvoi*: a economia do mistério salvífico tem os seus momentos e os seus tempos, mas que estão inteiramente ligados com a liturgia celeste). Toda a nossa vida deveria ser uma liturgia (At 1,7; Dt 2,21; Rm 16,25-27; 1 Tm 3,16). A Liturgia do céu celebra-se na glória; a nossa celebra-se na kenósis, no sinal.

Na liturgia terrestre, como nos lembra a SC 8, antegozando, participamos da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro. Com todas as potências celestes, entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos Santos, esperamos fazer parte da sociedade deles.

Suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele, nossa vida, se manifeste, e nós apareçamos com Ele na glória (Ap 21,2; Hb 8,2; Fl 3,20; Cl 3,4).

6. A liturgia sacramental, pois, contém e realiza o que significa. Não repete o Mistério da Salvação, já que na Páscoa de Jesus tudo se cumpriu “de uma vez para sempre”, “tudo está consumado” (Jo 19,18): “Graças a esta vontade é que somos santificados pela oferta do Corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas” (Hb 10,10). Ele ofereceu um sacrifício único pelos pecados e sentou-se para sempre à direita de Deus (Hb 10,12).

O Espírito Santo, porém, faz com que o Corpo comungue sempre de novo, se revigore sempre de novo, na Páscoa da Cabeça. A liturgia sacramental não é uma justaposição à liturgia celeste. Na liturgia sacramental o Espírito Santo torna presente, no coração da Igreja, a liturgia celeste para que a Igreja Esposa participe da Páscoa do Senhor e anseie pela vinda do “Vem, Senhor” (Ap 22,1). “O Espírito e a Esposa dizem: “Amém!” (Ap 22,20). “Vem, Senhor Jesus” – Vinde, Senhor Jesus! “Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca esgotada, sem água” (Sl 62,2). “Como a corsa está bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por

ti, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando verei a tua face, ó Senhor?” (Sl 41,2-3).

Jesus, tendo entrado na glória do Pai, faz “brotar do seu seio rios de água viva”, o Espírito, que é recebido por aqueles que creem n’Ele (Jo 7,39).

7. Nesse conjunto é interessante a Oração Eucarística II: terra, purgatório e céu, e concentrados no Cristo vivo e real no altar, e juntos louvando: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo”, ó Pai, na unidade do Espírito Santo.

A liturgia, coração do mistério da fé

8. Com a liturgia entramos no coração do mistério da fé. A liturgia pressupõe a fé e fortalece a fé. Sem fé é impossível celebrar o mistério litúrgico. E recordemos: “a fé é a posse antecipada do que se espera, é a certeza, o conhecimento das verdades que não se veem” (Hb 11,1). É a fé que coloca em nossos corações o penhor do Espírito (cf. 2 Cor 1,22). É ela (a fé) que pelo Espírito nos dá a primeira garantia (“arras”), comprometido em nos conceder o que falta.

Temos que ter ouvidos para ouvir, olhos para ver, coração para entender e amar.

- Ouvidos para ouvir: a fé vem da pregação (Rm 10,17). A liturgia proclama a Palavra de Deus nas leituras bíblicas, no

anúncio do Evangelho, no salmo responsorial, na aclamação do Evangelho, no decurso de toda celebração. Cristo “está presente na sua palavra, pois Quando se lê, na Igreja, a Sagrada Escritura, é Ele Quem fala” (SC 7). Cristo é o Verbo, a Palavra, o logos do Pai. É o Espírito Santo, o Sopro de Deus que, na liturgia, nos põe à escuta do Pai para que sua Palavra se faça em nós Espírito e Vida (Jo 6,63). Daí a importância da proclamação da Sagrada Escritura para todos os fiéis na sagrada liturgia (DV 25).

- Olhos para ver. Na liturgia as várias ações simbólicas, os vários gestos, os vários sinais, e mesmo as cerimônias, os ritos tornam visível o que a fé torna audível: palavra, sacramento, e ação são inseparáveis e se esclarecem mutuamente, tanto na liturgia (SC 35) como na Economia da Salvação (DV 2). Porque Cristo é a imagem (“o Ícone”) do Pai (Cl 1,15; Jo 14,9), é a Revelação do Pai, é a explicação do Pai, tudo o que se torna visível na ação litúrgica deve ser expressão do seu Mistério da Salvação. A missão do Espírito Santo consiste em “abrir os olhos do nosso espírito à inteligência da mensagem evangélica”, a fim de que a luz de Cristo nos transforme na sua imagem: “E nós todos os que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é o Espírito” (2Cor 3,18).

Aqui se deve também salientar a importância da iconografia, das Imagens litúrgicas para a fé dos fiéis e a nossa fé. As imagens também falam!

- Um coração para entender e amar escuta o Pai e a contemplação de sua luz em Cristo são os dois caminhos convergentes pelos quais o Espírito Santo educa a fé dos fiéis em sua liturgia, e isso para chegar ao coração, ali onde a fé se muda em “conhecimento”, aliança, comunhão, amor. A fé torna-se, então, vida, porque o Mistério que a fé confessa encontra-se atualizado na liturgia e interiorizado, personalizado na oração. O “momento” (o “kairós”) da liturgia pode, então, prolongar-se sempre (Lc 18,1) na prece, oração do coração. Daí parte para a ação: Palavra - Sacramento - Ação são as três realidades da nossa ação pastoral.

9. É, pois, necessário sempre ter presente que o Nosso Redentor e Sumo Sacerdote vive na sua Igreja, que é a nossa Igreja, Una, Santa, Católica, Apostólica. Mediante a liturgia, Cristo comunica-nos a sua própria vida, a sua vida divina e eterna. Aos que creem n’Ele, torna-os, junto com Ele, filhos e herdeiros do Pai, dando-lhes o Espírito Santo. Pela liturgia nós nos enraizamos e cimentamos no grande amor com que Deus nos amou no seu Bem Amado (Ef 3,17; 2,4; 1,3). Esse acontecimento, essa maravilha de Deus, nós a vivemos e interiorizamos

na oração, “em toda oração, no Espírito” (Ef 6,18): Com orações e súplicas de toda sorte, orai em todo tempo, no Espírito, e para isso vigiai com toda perseverança e súplica por todos os santos).

Quatro ações principais:

10. Na liturgia sacramental, em nossa liturgia, podemos distinguir quatro ações principais:

- a preparação: no Antigo Testamento (tipologia),
- a manifestação do Mistério de Cristo (anámnese),
- a transformação pelo Espírito (epiclese),
- a comunhão com a vida divina (a koinonia).

A preparação no A T

11. A liturgia da Igreja cumpre o culto máximo na adoração que o Pai quer: “em espírito e verdade” (Jo 4,24). As promessas preparavam a vinda de Cristo, que já estava misteriosamente presente em toda a história da Antiga Aliança (cf. 1Cor 10,4; Jo 8,58; 12,41). Já que a Igreja de Cristo foi “preparada admiravelmente na história do povo de Israel e na Antiga Aliança” (LG 2), a liturgia da Igreja conserva, como parte integrante e insubstituível, elementos do culto da Antiga Aliança: a leitura do AT; os Salmos, nos quais a Lei e os Profetas se faziam oração do Povo de Deus; e, sobretudo, os acontecimentos

salvíficos que encontrarão o seu cumprimento no mistério de Cristo (a Promessa e a Aliança, o Êxodo e a Páscoa, o Reino e o Templo, o Exílio e a Volta, Dilúvio, Mar Vermelho, Nuvem, Maná): o mistério de Cristo prefigurado (tipo) nos fatos, palavras e símbolos da Primeira Aliança (dilúvio e arca de Noé prefigurando o batismo: a nuvem e a passagem do Mar Vermelho também “tipos” do batismo; o maná no deserto, prefiguração da Eucaristia).

12. É especialmente nos tempos de Advento, Quaresma e, sobretudo, na vigília pascal que a Igreja volta a ler e a viver todos estes grandes acontecimentos da história da salvação, que se cumprem no “hoje” da liturgia.

A manifestação do Mistério de Cristo (o memorial)

13. A liturgia é o memorial vivo do mistério da salvação, cumprida “uma vez para sempre” na plenitude dos tempos. O mistério pascal, cumprido “uma vez para sempre” pela morte e ressurreição de Cristo, está na liturgia presente no “hoje” de Cristo (o “hoje” das antífonas para as grandes festas de Cristo), realmente, mas sacramentalmente, sob os sinais visíveis da liturgia. Porque somos pecadores, esquecemos esta presença, mas o Espírito Santo é a memória viva da Igreja (cf. Jo 14,26), e é Ele quem não cessa de atualizar, de tornar presente e atuante o

acontecimento da salvação. Neste sentido, cada celebração sacramental, sobretudo a Eucaristia, é um “momento” (Kairós) em que o mistério pascal se torna presente. “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25). Para não me esquecerem nunca, especialmente, a sua devoção pelo mundo.

A liturgia é a epíclese do Espírito Santo

14. A epíclese difere da anámnese. Nas suas anámnese, a Igreja não faz memória de Pentecostes. É que os acontecimentos da Páscoa de Jesus são únicos, realizados “uma vez para sempre”; a efusão do Espírito Santo que manifesta, torna presente e comunica esta Páscoa, se cumpre inúmeras vezes. Basta ler os Atos dos Apóstolos (At 2,1-4; 4,31; 5,55; 8,17; 10,44) e toda a história da Igreja.

O mistério pascal de Cristo é celebrado, mas não se repete; o que se repete são as celebrações. Agora, em cada uma delas, se produz a efusão do Espírito Santo, a tradição apostólica chama de epiclesis, inseparável da anámnese, como o dom do Espírito é inseparável da Páscoa de Jesus. É a epíclese que garante o “*ex opere operato*”.

15. Considerada em seu conjunto, em todo o seu movimento, uma celebração sacramental é uma grande epíclese, uma invocação da graça do Espírito Santo, como também uma grande

doxologia oferecida “para louvor da glória de sua graça” (Ef 1,6). Mais, além das celebrações sacramentais, toda oração participa na epiclese da Igreja: criaturas e pecadores, somos, antes de tudo, petição e oferenda ante o Rosto do Pai, que sabe dar o seu Espírito a seus filhos (Lc 11,13) para transformar-nos e conformar-nos a seu Filho querido.

A liturgia é comunhão com a Santíssima Trindade (Koinonia)

16. É finalidade de toda a ação litúrgica fazer-nos entrar em comunhão de vida com a Santíssima Trindade. Recebemos a adoção de filhos; somos feitos membros do Corpo Ressuscitado de Cristo pela incorporação no Cristo Morto e Ressuscitado; tornamo-nos templos do Espírito Santo.

A Igreja é o grande sacramento da comunhão trinitária que reúne os filhos de Deus dispersos. A liturgia terrestre coloca-nos, pelos sacramentos, no âmago da liturgia celeste. A celebração litúrgica é toda ela oração. Seu objetivo é, através do Mistério de Cristo, colocar-nos no mistério de Deus. Seu objetivo é criar comunhão. Ora, comunhão é oração e oração é comunhão. Oração é essa comunhão com Deus.

17. Tendo assim penetrado um pouco mais no mistério litúrgico, estamos aptos para, sendo todo ouvidos, todo olhos e

todo coração, saborear o sentido profundo da Liturgia das Horas, que se conta entre as principais funções da Igreja.

18. Primeiramente é preciso despojar-se de alguns pontos de vista, alheios à concepção da Igreja e, hoje, em relação à Liturgia das Horas.

19. Para muitos ela dá a impressão de uma oração codificada até nos mínimos detalhes. Uma oração estática, legalista, onde falta a espontaneidade e a liberdade espiritual. Não se vê bem a sua vitalidade evangélica. Ela é por demais vista como a oração dos clérigos, dos sacerdotes e diáconos, como oração vocal imposta, como a oração fixada pela hierarquia.

20. Na realidade, porém, a Liturgia das Horas, que é a oração pública da Igreja, faz parte dos “sinais sensíveis das realidades sagradas”, nós entramos na “oração dos séculos”, fazemos a experiência do mistério.

É outra vez a liturgia celeste e a liturgia terrestre se encontrando. O Vaticano II, na SC 83, abrindo o Capítulo IV, que trata da Liturgia das Horas e tem como título o Ofício Divino, se expressa da seguinte forma: “O Sumo Sacerdote do Novo e Eterno Testamento [= da Nova e Eterna Aliança], Cristo Jesus, assumindo a natureza humana, trouxe para esse exílio terrestre aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações

celestes. Ele associa a si toda a comunidade dos homens e une-a consigo na celebração deste divino cântico de louvor.

Com efeito, Ele continua aquela função sacerdotal através de Sua Igreja, que não somente pela celebração da Eucaristia, mas também por outros modos, particularmente rezando o Ofício divino, louva sem cessar o Senhor e intercede pela salvação de todo o mundo”. É a Esposa Igreja unida ao seu Esposo Cristo, que continua na terra o louvor eterno do céu.

A Liturgia das Horas reúne, na comunhão, todos os membros do Povo de Deus. É a oração oficial da Igreja, que procede do Espírito Santo. É a celebração dos mistérios de nossa fé na comunidade reunida em nome do Senhor. Não podemos orar só por nossa própria conta; só oramos, realmente, se estivermos na comunhão dos Santos. Ela prolonga a oração do Cristo. Por Cristo, com Cristo, ela continua aqui na terra a louvar e adorar, o Pai e mostrar-lhe gratidão pelos inumeráveis benefícios concedidos à humanidade, através de nós, membros da Igreja. Cristo plenitude do Universo, o Sumo Sacerdote da Criação, serve-se da nossa oração para que o “sacrifício de louvor”, começado “na plenitude dos tempos, não se interrompa até que Ele volte para dar o toque final na obra criadora e redentora. Cristo sempre intercedendo por nós” (Rm 8,34); vive para sempre para interceder por nós: (Hb 7,25). Essa intercessão que se liga à nossa. Que

força! Se Ele intercede sempre por nós, por que não nos unir a Ele, nosso grande intercessor?

A Liturgia das Horas é a expressão viva de amor que a Igreja, que somos nós, tem a Jesus Cristo. A Liturgia das Horas é a oração do Cristo Total. O Espírito Santo une todos os membros do Corpo a Jesus Cristo-Cabeça, numa mesma adoração, num mesmo louvor, num mesmo grito de perdão e reconciliação, com Cristo e em Cristo que sobe ao Pai toda adoração.

A Liturgia das Horas é

21. A celebração da Liturgia das Horas faz parte da ordem dos sinais. Ela reveste a índole sacramental. Ela estende à duração do tempo e a toda história humana cósmica o mistério da salvação, e por ela faz que participem deste mistério, a história e a criação. Ela interpreta toda a sinfonia do Universo. Se quiséssemos definir a Liturgia das Horas, diríamos que ela é como que o “sacramento” que torna o mistério da salvação presente em todos os tempos e em todo o universo.

A Liturgia das Horas tem a mais estreita ligação com o sacrifício eucarístico. A Eucaristia é como o “sol” ao redor do qual gravitam as horas litúrgicas. Existe um complemento entre a Liturgia das Horas e a Eucaristia. A Liturgia das Horas estende a oração eucarística às várias horas do dia.

22. Resumindo as linhas mestras da teologia da Liturgia das Horas, poderíamos dizer: o mundo nascido puro das mãos do Criador foi profanado pelo pecado (Rm 5,12). A Encarnação Redentora restaurou a finalidade original da criação. A liturgia das Horas consagra o tempo cósmico em que se desenvolve a história da Salvação. A Liturgia das Horas é a grande bênção que sobe do coração do Homem Novo, Cristo – Cabeça e Corpo –, enquanto Ele contempla (índole contemplativa da Liturgia das Horas) a sabedoria e a infinita bondade de Deus Criador, Santificador e Redentor. Bendizemos a Deus que cumulou o mundo de suas “bênçãos”. A bênção é a felicidade que vem de Deus e que retorna à fonte pelo louvor. Através de nossa oração fazemos todo o mundo rezar. A importância de nossa oração! A Igreja em oração dá “expressão espiritual” ao louvor da criatura. Cada cristão, pelo batismo que o introduz no sacerdócio régio dos fiéis, expressa, assim, em sua oração, o louvor das criaturas. A Liturgia das Horas dá forma bíblica e universal a essa oração, pronunciada por todo cristão, em nome da criação inteira. O ideal seria que, onde fosse possível, a Liturgia das Horas, sobretudo, a do louvor da manhã (Laudes) e do louvor vespertino (Vésperas), fosse celebrada por todos os fiéis cristãos. É uma oração englobante e envolvente.

Celebrar a Liturgia das Horas é participar da oração da Igreja sob forma privilegiada, específica, cujas características principais são a universalidade e a íntima ligação com a história da salvação. Nela, o universo todo reza a história da salvação. Santifica nossos dias e nossas atividades.

23. Depois de termos meditado sobre o sentido teológico da Liturgia das Horas, procuremos aprofundar as diversas partes ou os diversos elementos que compõem a Liturgia das Horas.

24. O primeiro elemento, que também foi a oração de Jesus em sua condição terrestre, é constituído pelos Salmos. No livro dos Salmos a economia da salvação se fez oração. Através dos Salmos, o Espírito Santo nos comunica os gritos de angústia e os cantos de alegria, de louvor e de confiança de mil gerações de “pobres” (anawin). Ao rezar, de geração em geração, nesses mesmos Salmos, a Igreja descobre neles a oração de Cristo e o próprio Cristo. Segundo Santo Agostinho, se escutamos um salmo, que todo nosso esforço seja agora ver nele a Cristo, ouvir a Cristo conosco; prestando atenção ao salmo, busquemos a Cristo nele, que aparecerá, seguramente, aos que o buscam, ele que apareceu primeiro aos que não o buscaram (cf. *Encarnatio* in Ps 98,1).

25. Nos Salmos podemos distinguir Salmos de Louvor, Salmos de Ação de Graças, Salmos de Lamentação e Súplica,

Salmos Sapienciais e Salmos Penitenciais dirigidos ao Deus Criador, ao Senhor da História; Hinos Litúrgicos, Cantos de Romaria, os Cânticos de Sião, etc.

Os aspectos que predominam nos Salmos são a acentuação de Deus Criador, de Deus Rei do Universo, de Deus Redentor, Salvador, Protetor, Libertador, Rocha, Fortaleza, Refúgio, e aí dentro, a grandeza e dignidade da pessoa humana.

Em nossa modernidade e racionalidade científica, inteiramente preocupada com a eficiência, a produção e o consumo estimulado artificialmente até o paroxismo, onde o ser humano em suas necessidades é visto como objeto de consumo, na mentalidade secularista e do bem-estar sempre mais sofisticado, não existe lugar para o Deus Criador e o Deus Redentor.

A oração dos Salmos constitui-se numa afirmação perene dos valores que o homem não pode perder de vista: carinho, ternura, perdão, amizade, alegria, festa e música, entre outros, perpassam os Salmos. É a poesia da vida dentro da poesia de Deus. Essa o mundo da modernidade vai perdendo.

Os Salmos Sapienciais são mais do tipo de instrução ou exortação; palavra dirigida aos homens (é a sabedoria de Deus que fala); os outros são mais oração: palavra dirigida a Deus.

26. O Saltério é o mais valioso livro de oração para toda a humanidade, em todos os tempos. O próprio Deus ensinou-nos

a rezar assim. É a oração que brota da vida de um povo e das profundezas do Espírito Santo; através dos Salmos temos que despertar o jeito de rezar de Jesus. No seu conjunto, os Salmos são:

a) uma revelação de Deus; revelação de sua natureza, de sua atuação no mundo e sua presença pessoal na vida dos fiéis;

b) uma profissão de fé do povo eleito no Deus que se manifestou a ele; e um testemunho de sua adesão a Deus, como preito de fidelidade de cada geração. É um povo que reza a sua voz e ação, sua Lei, sua Terra, o seu Deus, sua religião, sua história. Uma história na qual Deus é presença obrigatória. Reza a realidade de sua vida, de sua existência;

c) um prólogo do Evangelho de Jesus Cristo. Em Jesus, a história da salvação alcança a unidade absoluta e indissolúvel entre graça divina e liberdade humana. Os Salmos são, na realidade, uma revelação de Jesus Cristo;

d) uma expressão de fé da Igreja. A Igreja, como novo povo de Deus, situa-se na linha de continuidade histórica do povo eleito do AT, enquanto professa a fé no mesmo Deus que se revelou, está inserida na mesma história salvífica e se nutre da mesma Escritura Sagrada. Incorporada, porém, em Cristo, a Igreja transcende a realidade histórica do povo eleito do AT por

sua íntima união com Jesus Cristo, que nela se manifesta como cabeça do Corpo Místico;

e) os Salmos sublinham a dimensão religiosa do homem: a exímia dignidade do homem reside em sua vocação para a comunhão com Deus; ele é o único interlocutor qualificado para entrar em diálogo com Deus;

f) os Salmos exprimem a experiência da salvação no contexto da história sagrada, em âmbito nacional e individual. Uma situação individual sempre é vista como reflexo da vida nacional e torna-se assim um momento da história sagrada.

27. A oração dos Salmos, é sempre um reflexo da experiência de Deus, inserida na história sagrada.

Os Salmos não elevam apenas a mente e o coração a Deus, mas estabelecem também a comunicação afetiva com Ele. Valem-se para isso dos dados do mundo visível e da história sagrada. No relacionamento com Deus, como realidade concreta e vital, o homem exprime, nos Salmos, todo o seu ser, sua sensibilidade, seus afetos; relembrando sua situação histórica, avaliada à luz da revelação, revive-a sob o impacto de sua emotividade. Na meditação sobre as verdades reveladas, o homem descobre sua profunda aspiração por Deus. A opção pelo Bem Supremo não se concretiza sem tensão, devido ao atrativo de outros bens afins ou até contrários ao Bem Supremo. À luz, porém, das

consequências negativas dos desvios do povo eleito em sua relação com Deus, o homem rejeita tais bens caducos para retomar o caminho de busca, recomeçando sempre de novo pela sua volta para Deus. Nessa constante busca, a afetividade representa uma reação fundamental, motivada pelo amor, em demanda do Bem Supremo. A afetividade desperta intensas reações emotivas em relação à causa divina, seja de impreciação contra os ímpios que ousam hostilizá-la, seja de lamentação pelas situações adversas que dela derivam para os fiéis. A afetividade também desperta, na pessoa em oração, simpatia e profunda atração por Deus, intenso sentimento de amor para com Ele. O resultado é serenidade e paz. O cultivo dessa afetividade espiritual, que inclina a vontade humana a abrir-se para Deus e a torna capaz de lhe responder por atos de adoração, louvor e ação de graças, com repercussão na vida particular e na convivência com os outros, constitui a amorosa acolhida da presença de Deus. Os Salmos foram redigidos para os fiéis expressar, na oração Litúrgica, a profissão de fé no Deus da revelação. Assumem, por isso mesmo, as situações concretas da vida humana, para inseri-las nos mistérios da redenção, que se celebram na Liturgia, de modo que o passado é redimido, recebendo no presente sentido novo: atualização da páscoa, passagem da morte para a ressurreição, e fazendo divisar

no horizonte o futuro sempre mais próximo, da vinda definitiva de Jesus.

Os Salmos são, no passado do povo eleito, a expectativa ardente da manifestação do Messias; são, no presente, a celebração do Messias que já veio e está aí na expectativa da consumação, no final dos tempos. O futuro, passado e presente dos Salmos têm o seu encontro em Jesus Cristo.

28. Para que os Salmos transformem nossa mentalidade e corrijam nossas atitudes, requer-se:

1º) a disposição de rezar com a mente e o coração, voltados para Deus;

2º) conhecimento da Sagrada Escritura, familiarização com os seus temas: A passagem do mar Vermelho, o Sinai, e os outros, na sintonia com a história sagrada: o Êxodo, a Aliança, a marcha para a Terra Prometida, a Páscoa, o Povo Eleito, a Cidade Santa Jerusalém; e nela o monte Sião, o lugar mais sagrado e santo do mundo, Templo de Jahvé; o Exílio Babilônico, retorno à pátria. A Encarnação do Verbo é o início, a nova aliança, que vincula Deus com a humanidade; a Vida Pública de Jesus assemelha-se ao Êxodo: passagem do sistema religioso do A. T. para o sistema religioso do N. T.; a Exaltação na glória é a meta da marcha para a Terra Prometida; a Páscoa da antiga aliança toma sentido pleno na Páscoa da nova e eterna aliança; o povo

eleito do A. T. prefigura o povo eleito no N. T.; Jerusalém e o Monte Sião são imagem da nova Jerusalém do céu e da Morada Permanente de Deus com os homens; o Exílio retrata o afastamento da humanidade pecadora à procura da misericórdia divina; a volta dos exilados representa a Igreja terrestre vivendo na tensão entre a escatologia e sua meta futura;

3º) procura de Jesus Cristo e de seu Evangelho dentro de cada salmo;

4º) o espírito comunitário voltado para as necessidades dos homens, com a solicitude que a Igreja tem por eles. A opção pelos pobres, os injustamente perseguidos, os colocados à margem da sociedade, é nota dominante nos Salmos;

5º) cultivo da pureza de coração, sob a ação da graça divina;

6º) decisão de aplicar os Salmos à vida prática;

7º) um pressuposto literário importante: os Salmos são poemas, são cânticos para entoar ao som do saltério, têm caráter musical: embora ofereçam um texto à nossa mente, eles tendem mais a mover os corações. São poesias sagradas. Devem ser rezados com o gozo da alma e com a doçura da caridade. Mesmo quando em sua índole poética e musical não fale necessariamente de Deus, cante simplesmente diante de Deus.

29. O segundo elemento na liturgia das Horas são as antífonas. Elas se ligam estreitamente aos Salmos. Aliás, a reforma litúrgica trouxe novidade muito agradável: normalmente se destaca com um título impresso com letra mais forte o sentido do salmo. É importante para melhor compreensão do salmo ver esse título. O acréscimo que se faz em letra em grifo com um texto do Novo Testamento não é sempre muito feliz. Esse texto do N. T. ou de algum Santo Padre quer ser uma ajuda para rezar o salmo em chave cristológica.

As antífonas, ao contrário, estão intimamente ligadas com o conteúdo dos Salmos: Elas ajudam para uma oração mais consciente e mais inteligível do salmo. Em geral, oferecem o pensamento central do salmo. É bom, na recitação, parar um pouco e interiorizar o conteúdo da antífona, deixando que ela vá perpassando a mente e o coração, quase como um contraponto, durante a recitação do respectivo salmo. Ela também pode ser ligada ao título do salmo, impresso em negrito, que forma com ele, normalmente, um todo. É frutuoso fazer como no terço: a antífona é como o mistério que se medita, enquanto se reza o salmo.

30. O terceiro elemento: Os Hinos. São destinados ao louvor de Deus. Constituem um elemento popular que expressa, quase sempre, o sentido peculiar de cada Hora canônica ou da

festa que se celebra. Movem a pessoa a uma celebração piedosa. Eles possuem, muitas vezes, uma rara beleza literária e, muitas vezes, são também de antiga tradição.

As Conferências Episcopais podem adaptar os hinos latinos no espírito da própria língua e, mesmo, introduzir novas criações de hinos, contanto que condigam com o sentido da Hora ou do tempo ou da festa, não se devendo admitir canções populares que careçam de valor artístico e não sejam verdadeiramente conformes à dignidade da Liturgia.

31. O quarto elemento na liturgia das Horas é a Palavra de Deus. A presença de textos bíblicos (Salmos, leituras breves, primeira leitura do ofício das leituras) é uma das características da liturgia das horas. O núcleo da liturgia das horas é o texto bíblico, por mais breve que ele seja. A oração se estrutura ao redor da Palavra de Deus. Os hinos e os Salmos do dia criam o clima conveniente para ouvi-la. O responsório, o cântico com a sua antífona e a intercessão a desenvolvem e ajudam-nos a tomar consciência de sua atualidade. A oração de conclusão encerra o conjunto. Interessante lembrar que em suas origens, a liturgia das horas começava por uma leitura da Escritura. Há aí um motivo teológico profundo: “Se nos reunimos para honrar a Deus, para orar, para apresentar nossos pedidos, é conveniente que comecemos por escutar o que Deus nos quer dizer. Na economia

da salvação, é importante entender que Deus nos fala, que sua graça nos chama. Só então é que poderemos dirigir-nos a Deus com nossa resposta” (Jungmann).

A Palavra de Deus, colocada no começo, no meio ou no fim da Hora, situa-se hoje, como antigamente, no coração da oração da Igreja.

A liturgia das Horas não é um discurso, nem mesmo de louvor e súplica, dirigido em primeiro lugar a Deus. Mas é, em primeiro lugar, escuta da Palavra que o Pai nos transmite por seu Filho único e que o Espírito Santo nos faz compreender. O ápice de cada hora se dá quando o texto bíblico é proclamado na leitura breve. É nossa oração inteiramente bíblica, toda inspirada na Bíblia.

32. A humildade e a obediência do coração são indispensáveis para a compreensão da Palavra de Deus! Ela é como o pequeno livro entregue ao vidente do Apocalipse. É doce e amarga ao mesmo tempo! (Ap 10,8-11). É necessário que o Espírito de Deus prepare o coração e a inteligência do ouvinte para que ele possa penetrar no mistério da Palavra.

A história da salvação é o princípio diretor das leituras da Sagrada Escritura. A salvação anunciada na antiga Aliança cumpriu-se em Jesus Cristo e continua a se desenvolver entre nós.

33. Além das leituras bíblicas, há também leituras extra bíblicas na liturgia das horas; praticamente no ofício das leituras. São leituras extra bíblicas; são leituras dos Padres ou de escritores eclesiásticos, ou leituras hagiográficas. Dá-se preferência aos Santos Padres que gozam de especial autoridade na Igreja.

34. A função destas leituras é, sobretudo, ser uma meditação da Palavra de Deus tal como a tradição da Igreja a entende. A Igreja sempre julgou necessário explicar, automaticamente, aos fiéis o sentido da Palavra de Deus, para que “o fio da interpretação dos profetas e dos apóstolos continue de maneira correta, segundo a norma do sentido eclesiástico e católico” (São Vicente de Lérins, *Commonitorium*, PL 50, 640).

Elas oferecem, também, acesso às grandes riquezas espirituais que são o grande patrimônio da Igreja e, ao mesmo tempo, o fundamento da vida espiritual como riquíssimo alimento de piedade.

35. O quinto elemento: As preces de intercessão fundamentam-se nas palavras do Apóstolo Paulo que nos exorta a fazer “súplicas, orações, pedidos, ações de graças por todos os homens: pelos reis e por todos aqueles que têm autoridade, para que tenhamos vida calma e tranquila, com toda a piedade e honestidade. Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer a salvação de todos os homens e que todos

cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,1-4). Estas recomendações já foram interpretadas pelos Santos Padres no sentido de fazer intercessão pela manhã e pela tarde.

Ora, a Igreja, na liturgia das horas, retoma esse costume e coloca invocações na Oração da Manhã (Laudes) e na oração da Tarde (Vésperas).

36. Elas constituem uma grande riqueza teológica. Na intenção da Igreja o primeiro lugar deve ser ocupado pelas intenções universais. É nelas que se reza por toda a Igreja em suas várias estruturas: pelas autoridades civis, pelos que sofrem pobreza, enfermidade ou tristeza e pelas necessidades de todo o mundo, tais como a paz ou outras intenções semelhantes. Só em segundo lugar vem as intenções particulares.

37. O sexto elemento é a oração do Senhor, o Pai Nosso. Ele é rezado na Santa Missa, onde está colocado entre a Oração Eucarística e a liturgia da comunhão. Recapitula, de um lado, todas as petições e intercessões expressas no movimento da epíclese; de outro lado, chama à porta do banquete do Reino, que a comunhão antecipa. É como que um divisor de águas. Ele é rezado na Oração da Manhã e na Oração da Tarde.

É a oração da Igreja e como a matriz de toda oração cristã autêntica. É a oração dos “últimos tempos”, dos novíssimos tempos. Todas as petições do Pai Nosso apoiam-se no mistério da

salvação já realizado, “uma vez para sempre” em Cristo crucificado e ressuscitado. Essa oração constitui o coração das Escrituras.

38. Pensando bem, é uma graça imensa podermos dizer: “Pai, Abbá”, para o nosso Deus e Senhor, Pai Nosso: Painho Nosso. No Cânon Romano introduz-se essa oração na Santa Missa com o convite “atrevemo-nos (ousamos) dizer”: *praecipitis salutaribus nostri, audemus dicere*.

É só por Jesus, no Espírito Santo, que podemos com toda a confiança e amor filial, dizer: Pai Nosso. Por isso, esse “Pai Nosso” deve ser dito por nós com muita unção interior. “Que estais no céu”: a transcendência de Deus. Ele é totalmente outro, e assim mesmo, torna-se tão amigo, tão chegado a nós.

Depois de nos colocar em presença do Pai para amá-lo e bendizê-lo, o Senhor coloca em nossos lábios sete petições: as três primeiras nos orientam para a Glória do Pai e as quatro últimas oferecem a nossa miséria à sua graça.

39. A primeira grande onda leva-nos até Ele, para Ele: teu Nome, teu Reino, tua Vontade! Seja santificado ... Venha ... Faça-se ... que força expressiva!

A segunda onda de petições se desenvolve segundo certas epícleses eucarísticas que precedem a consagração dos dons: é oferta de nossas aspirações e atrai o olhar do Pai das

misericórdias: “Dá-nos ... perdoa-nos ... não nos deixeis cair ... Livra-nos...”.

40. É uma oração que deve ser rezada com todo o nosso ser, com muita calma, meditando, contemplando, entrando na intimidade de Jesus. É dessa intimidade que ela brotou. A Igreja sempre lhe deu tanto valor e tanta atenção...

41. Finalmente, temos na liturgia das horas a oração conclusiva, dita não por todos, mas por quem preside a celebração. O Amém final indica o acordo comum.

42. Uma atitude que deve informar a nossa oração litúrgica é o silêncio sagrado. Aliás, a Igreja nas suas celebrações faz questão desse silêncio. A sua finalidade é interiorizar a fé. É necessário aprender a escutar a voz do Espírito Santo. Por isso, é preciso saber calar e calar-se.

É aconselhável que, após cada salmo, tanto na oração em coro, quanto na oração pessoal, se intercale um tempo de silêncio, tendo repetido a antífona. Dar um tempo para que a Palavra de Deus ressoe calma e tranquila em nosso interior.

42. As diversas Horas, Laudes e Vésperas, formam os dois momentos principais da oração eclesial. Laudes: consagra as primeiras horas do dia ao Deus Criador. É um momento de ação de graças. O seu motivo principal é o retorno da luz, que evoca a Ressurreição de Cristo e sua presença contínua.

43. O dia que nasce lembra, antes de mais nada, a bondade e a harmonia da criação. A poesia cristã antiga sempre o admirou. O dia quando nasce é como um ser vitorioso, que aparece após uma luta contra a noite. Embora, a luz emane do Sol, ela é saudada como uma criatura, e Cristo, o Senhor, é saudado e invocado como o Criador da luz. É ele a luz verdadeira, sem sombras, sem declínio, que ilumina a todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9). E Ele é isso hoje através do seu triunfo sobre a noite do pecado, da morte, de Satã. É sempre o mistério pascal que transforma a vida do homem e do cosmos. É a memória da Ressurreição. Do Senhor... que santifica a hora de laudes.

44. Finalmente, o novo dia que começa, a cada manhã, e a Páscoa do Senhor, são ambos, imagens do Dia Escatológico que está para vir. Por isso, essa volta gloriosa de Cristo está presente no Cristo, sol que ilumina todo homem, na realização plena do mistério da Páscoa.

45. Vésperas. Agradecemos a Deus o dia que passou e o bem que pudemos realizar sob sua inspiração e graça; pedimos perdão pelas culpas que possamos ter cometido.

Celebramos também Cristo, autor da primeira criação e realizador da nova criação, em seu sacrifício redentor. O otimismo, o entusiasmo dos hinos vesperais diante da beleza, a

harmonia e a ordem dos cosmos, ecoam os primeiros capítulos do Gênesis.

Não se pode, porém, afirmar que a liturgia das Horas, em vésperas, seja memória de um mistério particular de Cristo.

46. O Ofício das leituras. É uma celebração da Palavra. Pode muito bem servir como meditação. Muitas vezes um só salmo, embora repartido em três tópicos, e em duas leituras: uma bíblica e a outra extra-bíblica.

47. Completas: é uma oração mais pessoal, para antes do repouso noturno. Oração da noite. Vem como um convite a uma entrega confiante nas mãos do Senhor, como imitação de Cristo na Cruz: “nas vossas mãos, Senhor ...”.

48. As horas menores, orações durante o dia: oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas: Tertia, Sexta, Nona. Pode-se livremente escolher uma das três, se não se quiser rezar as três dentro da hora indicada.

A das Nove, antiga Tertia, evoca o fato de Pentecostes. É dirigida, em seus hinos, ao Espírito Santo. Há dois hinos: o “*Nunc Sancte Spiritus*” e o “*Certum tenentes ordinem*”. Como às nove horas, segundo a tradição, Nosso Senhor começou a sofrer os ultrajes da Paixão, a oração prevista para esta hora na sexta-feira do tempo comum, faz memória do mistério da

Paixão. A das Doze comemora a crucifixão de Jesus. A das quinze, evoca a morte redentora de Jesus.

Na liturgia a Igreja celebra principalmente o mistério pascal pelo qual Cristo realiza a obra da nossa salvação. E para que se celebra? Para que os fiéis vivam e deem testemunhos dele no mundo. Etimologicamente liturgia significa a obra (trabalho) público, a serviço da parte e em favor do povo. Na tradição cristã ela quer significar que o Povo de Deus toma parte na “obra de Deus”. Pela liturgia, Cristo nosso redentor e sumo sacerdote, continua na sua Igreja, com ela e por ela, a obra da nossa redenção. A palavra “liturgia”, no N. T., é empregada para designar não somente a celebração do culto divino (cf. At 13,2; Lc 23), mas também o anúncio do Evangelho (cf. Rom.13,16; Fl 2,14-17) e a caridade em atos (cf. At 15,27; 2 Cor 9,12.; Fl 2,25) Sempre se trata de serviço de Deus e dos homens.

A Liturgia é o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significado e, de modo peculiar a cada sinal, realiza a santificação do homem; é o exercício do culto público integral, pelo corpo Místico de Cristo, cabeça e membros.

Sendo cada celebração litúrgica ação de Cristo Sumo e Eterno Sacerdote e de sua Igreja Corpo de Cristo, segue-se que a Celebração Litúrgica é ação sagrada por excelência, cuja

eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma ação da Igreja.

CONCLUSÃO

O objetivo nesse retiro foi chamar a atenção para a grande experiência de Deus presente na história dos homens que a Igreja revive na celebração litúrgica, muito especialmente na liturgia das horas onde o centro de tudo é a Palavra do Senhor animada pelo Espírito Santo. Anámnese e Epiclese são o resumo de toda celebração e devem mover a nossa vida. É o mesmo que dizer: Páscoa e Pentecostes. Páscoa é a doação que produz a vida nova; e Pentecostes é o Espírito que nos anima para essa doação diária.

Toda celebração litúrgica visa, fundamentalmente, à comunhão íntima da criatura humana com Deus. Por isso, toda celebração litúrgica é oração, e a mais autêntica, porque é o Cristo que reza, que, sobretudo, nela se prolonga e se faz presente. A Páscoa do Senhor animada pela ação do Espírito Santo, invade toda a celebração, seja da liturgia do mistério sacramental, seja da liturgia das horas. É oração que empenha. É céu e terra que se encontram na Páscoa do Senhor e tem a mesma meta: vontade

de Deus cá na terra como lá, no céu, Reino do Senhor e Santificação do seu Nome.

É ela, na sua qualidade, expressão privilegiada do diálogo que Deus quis manter com os homens, no Sangue do seu Filho, conduzidos pelo Espírito Santo ao longo da história da salvação. É a movimentada história do retorno da criatura para seu Criador, dos filhos pródigos para a casa do Pai.

Os Salmos, hinos, intenções das preces, palavra de Deus, orações conclusivas, responsórios breves, tudo o que constitui a liturgia das horas, intimamente ligada à liturgia sacramental, oferece-nos uma oração variada, poderosa, um coro imenso onde se reúnem a Jerusalém celeste e a Jerusalém terrestre. A liturgia toda testemunha aquilo que a Igreja, em oração, crê hoje e acreditou ontem, e quer que se viva todos os dias.

Estamos diante de uma oração que deve ser tomada muito a sério por nós e deve ser passada adiante. É preciso intensificarmos mais, em nossa pastoral, a oração comunitária. É, finalmente, só a oração que nos leva à abertura para com o Espírito de Deus e a conversão do coração.

Na liturgia das horas, oramos na presença especial de Cristo entre os irmãos em oração (Mt 18,19-20): “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”. Esta palavra fundamenta a teologia da oração da Igreja. “Ele está

aqui presente, quando a Igreja ora e canta os Salmos”, diz a SC, 7. Toda vez que nos voltamos para Deus, ele está presente em nós com seu poder salvífico (Is 58,10). O próprio Cristo é a força da nossa oração. A oração exerce forte poder de atração porque Cristo está aí com seu Amor, sua Paz, sua Alegria.

Somos convidados a entrar, cada vez mais, no mistério da salvação que celebramos todos os dias. Esta contemplação dos mistérios vividos na liturgia, nos introduz progressivamente na intimidade da vida trinitária. O Filho quer fazer de nós verdadeiros adoradores do Pai (Jo 4,24), filhos de Deus participantes de sua filiação única (2Pd 1,4). O Espírito que Jesus enviou do Pai para sua Igreja, inspira, estimula, sustenta todo esse projeto de vida.

Abramo-nos à ação do Espírito e deixemos que a comunhão com Deus e os irmãos se firme sempre mais em nós e entre nós pela oração litúrgica. Amém. É preciso mudar o nosso conceito de oração, é em primeiro lugar escutar o que Deus nos tem a dizer; sabendo o que Deus nos tem a dizer, nós damos a nossa resposta. Encaixamos o nosso querer no querer de Deus; encaixamos a nossa vontade na vontade de Deus; encaixamos a nossa liberdade na liberdade de Deus. Isto é, Deus fala; depois, nós respondemos. A nossa resposta é nossa oração.

Aloísio Cardeal Lorscheider
s/d



Foto 7

6.

ADORAR

Uma das boas regras estabelecidas na lógica filosófica é a determinação precisa dos termos ou das palavras que usamos. Todo termo ou palavra contém sempre um conceito, expressão de um pensamento, de uma ideia. Para não haver equivocidade, como se exprimem os da lógica filosófica, importa estabelecer bem o sentido ou, mais exatamente, o significado da palavra que usamos.

Tal necessidade sente-se quando se fala de “adorar” ou “adoração”. Se alguém consulta um bom dicionário, como p.ex. o nosso Aurélio, encontramos no verbo “adorar” os mais diversos significados presentes em nossa linguagem e em nossos autores clássicos. Varia entre o render culto a Deus e o reverenciar, veremos, amar extremamente, gostar muitíssimo de alguém. Neste último significado os namorados gostam de dizer que se adoram.

Ora, falando já mais teologicamente, costuma distinguir-se, e com razão, entre adorar e venerar. O “adorar” refere-se

unicamente a Deus; o “venerar” pode referir-se a Deus, mas em sentido estrito reserva-se ao respeito ou devoção que se tem à pessoa, entre as quais as pessoas que chamamos “santas” ou “santos”.

Nestes casos, qual a diferença?

Adorar ou adoração indica a atitude de entrega total, até a doação da própria vida, a Deus o Santo, o Altíssimo, o Senhor, o único Senhor, o único Altíssimo. Expressão máxima desta entrega temos na atitude de Jesus Cristo que, segundo São Paulo na carta aos Filipenses, “se humilhou e se fez obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,8). Temos aí o ato supremo de adoração ou de culto, de latria. É o que lemos no Êxodo: “Eu sou Jahvé, teu Deus, que te fez sair do país do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há no céu, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te inclinarás diante desses deuses e não os servirás...” (Ex. 20,1ss). É o que diz também o Deuteronômio: “Ouve, ó Israel: Jahvé nosso Deus é o único Jahvé!...” (Dt 6,4); “Não seguirás outros deuses, qualquer um dos deuses dos povos que estão ao vosso redor...” (Dt 6,14). É o que diz Jesus quando tentado pelo demônio: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás” (Mt 4,10).

Venerar é a atitude de respeito para com outra pessoa, especialmente por sua conduta exemplar. Inclui o estímulo para a imitação e pode também trazer consigo a ideia de pedido de intercessão. O que acontece normalmente na vida: veneramos pessoas importantes. Respeitamo-las e, conforme o caso, recomendamos-nos a elas ou pedimos que os outros a elas nos recomendem. É o caso das pessoas santas. Não se trata de uma doação absoluta a estas pessoas, como se elas tivessem atributos divinos. É tão somente uma atitude de confiança relativa. No caso das pessoas santas entra em questão a verdade da comunhão dos santos. O próprio São Paulo pede diversas vezes em suas Cartas que o lembrem nas orações, que o recomendem a Deus. É a vivência da comunhão dos santos.

Em conclusão, adoração é uma atitude de reconhecimento absoluto em relação a Deus, o único Jahvé; fora d'Ele não há outro ao qual possamos e devamos dar nossa vida. Veneração, ao invés, teologicamente falando, é uma entrega relativa, que consiste numa atitude de imitação da vida da pessoa e de pedido de intercessão junto àquele que é único Senhor do Universo.

Para distinguir, teologicamente, o culto de Deus do culto das pessoas santas, fala-se com respeito a Deus do culto de latría, e com respeito às pessoas santas de culto de *dulia* ou *hiperdulia*, quando se trata de Maria Santíssima. É o culto de adoração a

Deus e o culto de veneração aos santos, onde se inclui a veneração, o respeito, não a adoração, às imagens das pessoas santas.

*Aloísio Card.; Lorscheider
Arcebispo de aparecida – SP
Aparecida, 26.11.1995.*

GLOSSÁRIO DAS IMAGENS

Foto de Capa: Interior do Eremitério da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção, Teresina. Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto 1, pág. 6: *Dom Frei Aloísio Alberto Dilli, OFM e Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM, no refeitório do Provincialiado da Província São Francisco de Assis, em Porto Alegre, em torno de 27 de junho de 2007.* Arquivo pessoal de Dom Frei Aloísio Alberto Dilli, OFM.

Foto 2, pág. 14: Oratório do Eremitério da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção, Teresina. Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto 3, pág. 30: Vitral da Capela do Convento São Boaventura, Província São Francisco de Assis, Daltro Filho, RS. Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto 4, pág. 40: Frei Lino Kunz, OFM (E) e Frei Marino Pedro Rhoden, OFM (D), Ministro provincial, na celebração eucarística dos 94 anos de vida de Frei Lino Kunz, aos 28/11/2020, Capela da Casa provincial, Província São Francisco de Assis,

Porto Alegre, RS, Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto 5, pág. 50: Celebração comunitária, Sala Superior Cenáculo, Jerusalém. Arquivo da Custódia da Terra Santa.

Foto 6, pág. 56: Capela da Casa provincial, Província São Francisco de Assis, Porto Alegre, RS. Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto 7, pág. 92: Pátio da Casa provincial, Província São Francisco de Assis, numa noite de verão 2020. Arquivo pessoal de Frei João Carlos Karling, OFM.

Foto Contracapa: Foto após celebração Eucarística, realizada na Casa provincial, Ipanema, Porto Alegre, RS, no dia 02/09/2007. Presidida por Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, estando presentes, da esquerda para a direita: Frei Léo Loch, OFM (†), Frei Bruno Goettems, OFM (†), Frei Agostinho Grings, OFM (†), Dom Frei Aloísio Cardeal Lorscheider, OFM (†), Pe. Klaus Rapp (Pároco da Paróquia St Martin/Karlsruhe/Alemanha), Frei Orlando Rabuscke, OFM (†), Frei Pedro Scheibel, OFM, Senhora Emilis Sieferer e Dom Frei Alberto Aloísio Dilli, OFM. Arquivo pessoal de Dom Frei Alberto Aloísio Dilli, OFM.



ISBN: 978-65-88060-08-7

CL



9 786588 060087